

Ayvin Tatiele de Souza e Souza

**O perfil das crianças do noroeste do estado de São Paulo que
acessam as mídias e o ambiente virtual**

São José do Rio Preto
2021

Ayvin Tatiele de Souza e Souza

O perfil das crianças do noroeste do estado de São Paulo que acessam as mídias e o ambiente virtual

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino e Processos Formativos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Processos Formativos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Raul Aragão Martins

São José do Rio Preto
2021

S729p

Souza, Ayvin Tatiele de Souza e

O perfil das crianças do noroeste do estado de São Paulo que acessam as mídias e o ambiente virtual / Ayvin Tatiele de Souza e Souza. -- São José do Rio Preto, 2021

65 p. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientador: Raul Aragão Martins

1. Tecnologia. 2. Educação. 3. Mídia. 4. Infância. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Ayvin Tatiele de Souza e Souza

O perfil das crianças do noroeste do estado de São Paulo que acessam as mídias e o ambiente virtual

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino e Processos Formativos junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Processos Formativos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Raul Aragão Martins
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientador

Prof. Dra. Maévi Anabel Nono
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof. Dra. Rita Melissa Lepre
UNESP – Câmpus de Bauru

São José do Rio Preto
18 de dezembro de 2020

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, sem eles eu não teria chegado tão longe. O apoio de vocês foi extremamente necessário nessa caminhada que me propus a fazer. Amo-os tanto.

Ao meu orientador por ter me dado a oportunidade e direcionamento para o desenvolvimento deste trabalho e ser a pessoa maravilhosa que é, e por sempre estar se preocupando com seus orientandos e nos apoiando a todo momento.

Às minhas avós, Aparecida e Elza, por serem um exemplo de pessoas a serem seguidas, por todo amor, paciência e apoio. Não teria avós melhores.

Ao IBILCE pelo meu aprendizado e experiências que me proporcionaram tanto crescimento academicamente e pessoalmente. Além de ter me apresentado a tantos professores, pesquisadores e amigos maravilhosos.

Aos meus amigos por estarem sempre presente, me acalmando e sendo as melhores pessoas que eu pude encontrar nessa vida. Vocês são essenciais.

RESUMO

A utilização de tecnologias da comunicação e informação (TIC) está aumentando consideravelmente entre os indivíduos mais novos e de modo precoce. O contato com a internet, é algo que vem ocorrendo desde muito cedo entre as gerações mais recentes, que já nascem inseridas em um mundo tecnológico e digital. Esta situação despertou questões, como a exposição em excesso no ambiente virtual, e a perda da privacidade, o que tem levado os países a criação de legislações visando a proteção das informações que circulam na rede de computadores. Nesta perspectiva o trabalho realizado teve o objetivo de investigar o que as crianças estão acessando na rede de computadores, como o contato com o material encontrado é recebido, se podem levar ou não a uma situação de vulnerabilidade, como o uso de álcool, acesso a materiais de conteúdo adulto, e como ocorre (e se ocorre) a mediação da família. Buscando entender o perfil de acesso às TIC das crianças entrevistadas e de seus cuidadores para que se possa saber como mediar a relação dos indivíduos mais novos com um mundo digital e virtual que permeia nossas relações, trabalho e lazer. O trabalho foi realizado com 66 crianças do sexto ano do ensino fundamental e com seus cuidadores, em que foram aplicados questionários sobre a utilização de mídias e critérios socioeconômicos. Com a análise dos dados é possível observar que os aparelhos de telefonia móvel são os principais meios utilizados pelas crianças para acessar a internet, e esse acesso se dá prioritariamente em ambiente doméstico. Foi notado também que as estudantes do sexo feminino passam mais tempo em redes sociais em relação aos meninos, sobre a mediação, é necessário que os cuidadores conversem e proponham uma discussão crítica com as crianças, sobre segurança de dados, exposição e conteúdos acessados para fomentar o desenvolvimento da capacidade crítica e capacidade de lidar com o que é exposto na rede.

Palavras-chave: Crianças. Mídias. Ambiente virtual. Internet.

ABSTRACT

The use of information and communication technologies (ICT) is increasing considerably among younger individuals and at an early age. Contact with the internet is something that has been happening since very early among the most recent generations, who are already born inserted in a technological and digital world. This situation aroused issues, such as overexposure in the virtual environment, and the loss of privacy, which has led countries to create laws aimed at protecting the information circulating on the computer network. In this perspective, the work carried out aimed at investigating what children are accessing on the computer network, how the contact with the material found is received, whether they can lead or not to a situation of vulnerability, such as the use of alcohol, access to adult content materials, and how family mediation occurs (and if it occurs). Seeking to understand the ICT access profile of the interviewed children and their caregivers so that one can know how to mediate the relationship of the youngest individuals with a digital and virtual world that permeates our relationships, work and leisure. The work was carried out with 66 children from the sixth year of elementary school and their caregivers, in which questionnaires about the use of media and socioeconomic criteria were applied. With the analysis of the data, it is possible to observe that mobile telephones are the main means used by children to access the internet, and this access occurs primarily in the home environment. It was also noted that female students spend more time on social networks in relation to boys, about mediation, it is necessary that caregivers talk and propose a critical discussion with children, about data security, exposure and content accessed to foster the development of critical capacity and the ability to deal with what is exposed on the network.

Keywords: Children. Media. Virtual network. Internet.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Número de atendimentos realizados pelo HelpLine, site que ajuda usuário a lidarem com situações provocadas em ambiente virtual, em 2019.	13
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Classificação da situação econômica das famílias entrevistadas.	35
Gráfico 2 - Relação entre o número de horas que os cuidadores passam na internet e o acesso que as crianças tiveram a conteúdo adulto.	39
Gráfico 3 – Relação entre o sexo e o uso de rede social.	42
Gráfico 4 – Uso da internet em dias úteis de acordo com o sexo dos participantes da pesquisa.	45
Gráfico 5 - Canais do YouTube que as crianças mais acompanham.	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência absoluta e relativas das respostas dos pais e ou responsáveis das crianças	37
Tabela 2 - Frequência absoluta e relativas das respostas das crianças sobre o acesso à internet.	40
Tabela 3 - Frequência absoluta e relativas das respostas das crianças sobre utilização de equipamentos de mídia e tempo gasto em casa uma.	44
Tabela 4 - Frequência absoluta e relativas das respostas das crianças sobre conteúdo adulto, mediação dos cuidadores e utilização da internet por seus responsáveis.	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TIC Tecnologias de Informação e Comunicação

www World Wide Web

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 INFÂNCIA E AS TIC	14
2.1 Infância	14
2.1.1 Infância e sociedade	15
2.2 Mídias e comunicação	16
2.2.1. Meios de comunicação e sociedade	17
2.2.2 Internet	18
2.3 Família, infância e mídia	22
2.4 Escola e mídia	27
3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICOS	30
3.1 Local de estudo	30
3.2 Participantes	31
3.3 Instrumentos e Procedimentos	31
3.4 Forma de análise dos dados	32
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
4.1 Situação socioeconômica dos cuidadores	34
4.2 Questionário dos cuidadores	36
4.3 Questionário das crianças	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE dos cuidadores	58
APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE das crianças	59
APÊNDICE C – Termo de assentimento livre e esclarecido – TALE	60
APÊNDICE D – Questionário sobre o uso de internet aplicado às crianças	61
APÊNDICE E – Questionário sobre o uso de internet aplicado aos cuidadores	62
ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética	63
ANEXO B – Critério de classificação socioeconômica	65

1 INTRODUÇÃO

As tecnologias da informação e da comunicação (TIC) vêm tomando um espaço cada vez mais significativo na sociedade atual. Influenciando em comportamento, valores e interação social (MENEZES, 2016). As gerações atuais foram crescendo em companhia das TIC, desde a construção da primeira prensa tipográfica, precursora dessas tecnologias, passando pelo surgimento da internet até o presente atual, em que as pessoas já nasceram inseridas em um mundo digital e com acesso a todas as informações contidas na rede e na mídia digital, como a televisão, o videogame e os telefones celulares, entre outros equipamentos eletrônicos (PALFREY, 2011; VARELA, 2015).

As duas primeiras décadas do século XXI, e principalmente a última década, foi marcado pelo crescente desenvolvimento tecnológico e pelo avanço das redes sociais, redes de compartilhamento de vídeos, *streamings* e jogos cada vez mais reais. Atualmente os adolescentes e as crianças possuem acesso a informações que anteriormente eram restritas aos adultos ou a quem soubesse compreender o que estava sendo passado. Conseqüentemente, os novos usuários acabam se expondo mais no ambiente virtual da rede mundial de computadores do que ocorria anteriormente, mesmo muitas vezes não o compreendendo.

Apesar das TIC proporcionarem maior rapidez na comunicação e interligarem pessoas ao redor do mundo, elas podem ter um lado que precisa de maior cuidado ao manipulá-las, pois têm a capacidade de moldar atitudes. Um público mais sensível com a disseminação de informações é o de crianças e adolescentes, os quais podem ficar vulneráveis nesse ambiente e necessitar de uma maior supervisão dos responsáveis para que continuem utilizando as TIC com maior segurança (OLIVEIRA; PAULO, 2008).

É necessário ter a noção de que, nas redes sociais e na interação on-line, pode haver adultos que busquem crianças vulneráveis, há a presença de pornografia, imagens de violência, bullying digital e tantas outras formas de perigos que estão escondidos no mundo virtual e que podem ser facilmente acessadas por equipamentos eletrônicos disponíveis para as crianças (PALFREY, 2011). Nesta perspectiva, começamos a fazer perguntas sobre esse fenômeno atual, tais como: o que as crianças estariam buscando no ambiente virtual, a quais mídias têm acesso, essa relação com as TIC é supervisionada pelos pais ou responsáveis, esses responsáveis consideram que lidam bem com as novas tecnologias, quantas horas

diárias esses indivíduos gastam com as TIC? Esses são alguns questionamentos que permearam o trabalho como um todo, e que buscamos respondê-los.

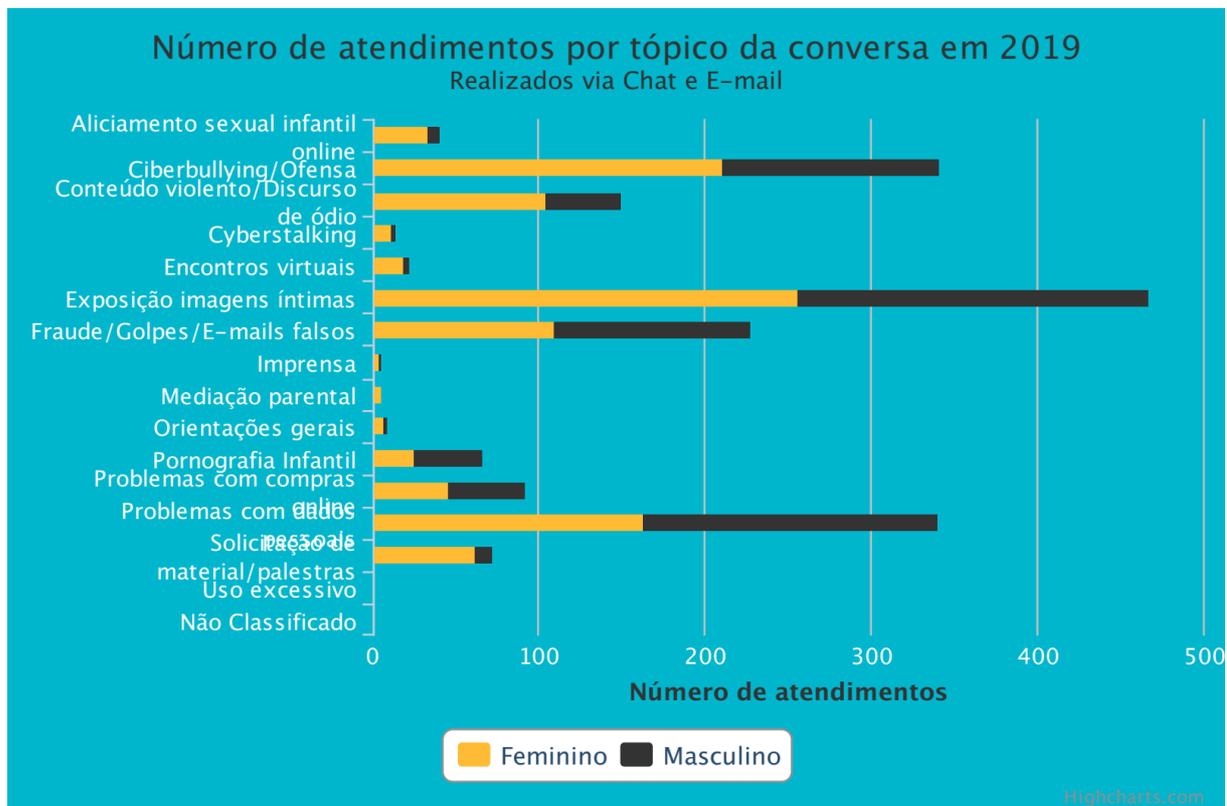
A partir dessas questões, iniciamos a leitura das publicações científicas sobre o tema e delimitamos como nosso objeto de estudo a maneira como as crianças dos anos iniciais do nível II do Ensino Fundamental estão se relacionando com as TIC e as redes sociais, o que nos levou ao objetivo de investigar o que as crianças estão acessando na rede de computadores, como o contato com o material encontrado é recebido, se podem levá-las ou não a uma situação de vulnerabilidade, como o uso de álcool, o acesso a materiais de conteúdo adulto, e como ocorre (e se ocorre) a mediação da família.

Entendemos que este trabalho se justifica por ser necessário sabermos o que as crianças buscam e acessam na rede de computadores, principalmente na fase de transição para a adolescência, a fim de melhor mediar a relação delas com as TIC, cuidando da privacidade e impedindo que se coloquem em situações de risco ou vulnerabilidade. Além de estimular que este tema seja tratado nas escolas e entre a família, porquanto as TIC estão entremeadas por toda nossa sociedade.

Outro tema preocupante é o chamado *cyberbullying*. Dados do sítio eletrônico Kids On-line Brasil (2019) mostram que 55% das crianças e dos adolescentes que participaram do levantamento daquele ano já haviam sido tratados de forma ofensiva na internet, seja por amigos ou desconhecidos; além de 43% já terem testemunhado casos de discriminação na internet.

Ainda, é importante conhecer o conteúdo ao qual as crianças estão sendo expostas para a prevenção de crimes, principalmente os cibernéticos. Segundo a Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos, são recebidos diariamente cerca de 2,5 mil denúncias de páginas com conteúdo de pornografia infantil ou pedofilia, apologia de crimes contra a vida, intolerância etc (Figura 1).

Figura 1: Número de atendimentos realizados pelo HelpLine, site que ajuda usuário a lidarem com situações provocadas em ambiente virtual, em 2019



Este texto está organizado com este primeiro capítulo, a introdução, e mais quatro capítulos. No segundo, apresentaremos um capítulo teórico com quatro subseções que tratarão da infância, da relação da infância com a nossa sociedade, das mídias e comunicação – e como estas estão ligadas à sociedade – e da infância e a família; abordando principalmente a internet e como ela mudou os padrões de comunicação e comportamento. Em seguida, será apresentada a metodologia do trabalho, contendo os locais de pesquisa, participantes, instrumentos utilizados e o modo como foram realizadas as análises. No quarto capítulo, serão expostos e discutidos os resultados obtidos durante a realização do trabalho, para no último e quinto capítulo tecermos nossas considerações finais.

2 A INFÂNCIA E AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Neste capítulo, abordaremos sobre a estruturação da infância até o modo como a tratamos socialmente. Além de trazermos brevemente um pouco da história das TIC, até chegar à criação da internet. Terminaremos comentando sobre o impacto das TIC na sociedade, na família e na infância.

2.1 Infância

Para entendermos o que é infância, é primordial a compreensão dela enquanto construção social, que foi moldada pela representação que o adulto possui do que é ser criança (OLIVEIRA; SANTOS, 2018; BERNARTT, 2009). A infância não é uma categoria universal ou natural, ela é algo variável de acordo com a história, a cultura e o ambiente social (BUCKINGHAM, 2007). Sendo assim, o indivíduo considerado criança não recebeu o mesmo tratamento em todas as culturas e anos da história (BERNARTT, 2009).

A infância, da maneira como a conhecemos atualmente, ganhou seus primeiros rascunhos no século XVIII e XIX, quando a escolarização desses indivíduos passou a possuir maior valor e preocupação. Os séculos anteriores a estes foram marcados pelo ensino do ofício familiar às crianças, ou um outro sujeito incumbido de ensinar seu ofício a algumas poucas pessoas, ambos de modo prático. Além de não existir uma idade específica marcada pelo ensino, adultos e crianças se misturavam nesse momento (ARIÈS, 1990).

Porém o delineamento da criança nos moldes que conhecemos hoje em dia, de um indivíduo inocente, que merece proteção e preocupação, começou somente no século XVIII na França, até então, apesar da preocupação com a educação, como era na época, a criança ainda era muito agregada ao meio adulto e costumava absorver os mesmos costumes. Outro ponto importante de se notar foi o crescimento da preocupação com o infante, concomitantemente às alterações da entidade familiar. Estas começaram a se unir mais por laços emocionais e a querer ficar perto dos filhos, que já não eram mais tidos como substituíveis, visto que, era comum a mortalidade infantil se manter em níveis elevados (ARIÈS, 1990). A partir desse momento, também começou a associação da inocência e ingenuidade às crianças; teve início o desejo de proteger os infantes dos assuntos considerados impróprios como os relacionados a sexo e violência (ARIÈS, 1990; MOURA, 2013).

Foi com a criação de uma literatura voltada para o público infantil e educadores que começou a se ter um cuidado com o modo, o comportamento e os costumes das pessoas tidas como criança; importante notar que estes eram notadamente separados dos adultos, inclusive pela vestimenta e as atribuições da idade (ARIÈS, 1990; POSTMAN, 1999).

Porém, quando começamos a observar os anos mais próximos ao século XX, nota-se que ocorreu uma desvalorização da infância com a volta da exploração do trabalho infantil e outros tipos de crimes contra a criança, como abusos, pedofilia e violência (MOURA, 2013). No Brasil, somente com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) esses indivíduos passaram a ser considerados sujeitos com direitos a serem respeitados e protegidos pela família, comunidade, sociedade e Estado.

Ao mesmo tempo em que ocorre a revalorização dos direitos infantis e da infância, principalmente com a criação e destaque da Educação Infantil, um outro fenômeno vem ocorrendo: as crianças voltaram a se aproximar do mundo adulto em um processo conhecido como adultização precoce que pode ter relação com o crescimento do meio midiático, principalmente no final do século XX (REIS et al., 2014).

2.1.1 Infância e sociedade

No Brasil, atualmente é considerada criança o indivíduo que possui entre 0 e 12 anos de idade incompletos (BRASIL, 1990). A preocupação com a criança, no Brasil e no mundo, ainda é considerada algo recente, vide o ano da criação do Estatuto da Criança e do Adolescente; sendo esses um dos motivos para haver poucos documentos históricos ou pesquisas sobre a construção do conceito de infância ao longo das eras (NASCIMENTO et al., 2011).

Segundo Ariés (1991), por muito tempo a criança foi vista como um adulto em um tamanho reduzido, ela não era separada dos adultos em jogos, convivência social, trabalho ou vestimentas. Durante a Idade Média até o início do século XVII, a infância foi marcada por um curto período que precedia a entrada do indivíduo no trabalho tão logo ele pudesse. As crianças e os adultos compartilhavam os mesmos jogos, festas, comportamentos, ferramentas. Após esse período é que as idades da vida começaram a ser separadas e a ter um papel específico a ser ocupado na sociedade e na família.

Com o passar dos tempos, as crianças começaram a ser separadas do meio adulto. Escolas preparatórias, colégios, vestimentas. Tudo isso começou a criar uma cultura direcionada aos indivíduos mais jovens, e a introdução neste mundo começava com a alfabetização deles (ARIÈS, 1990; POSTMANN, 1999). É interessante marcar que a diferença estabelecida entre a criança e o adulto passou a ser o conhecimento e a capacidade crítica de agir em relação a alguma situação em que se tenha o conhecimento necessário para compreender e conduzir (NEU, 2015).

Este processo se tornou necessário, pois concomitante a esta valorização das crianças é criada a prensa tipográfica, que fez com que os livros ficassem disponíveis para grande parte das pessoas, e posteriormente juntaram-se a eles os jornais, disponibilizando uma quantidade muito grande de informações (POSTMANN, 1999). As crianças, por não saberem ler, inicialmente não conseguiam ter acesso a este tipo de informação que circulava entre os adultos, era preciso que elas fossem alfabetizadas para conseguir compreender tudo aquilo que estava escrito nos livros e pudessem acessar estas novas informações (POSTMANN, 1999; BUCKINGHAM, 2007).

Com o advento das TIC, foi evoluindo a relação da sociedade com as crianças. Não é necessário ser alfabetizado para ter acesso e compreender a maioria das mensagens veiculadas pela mídia. Imagens possuem a facilidade de poderem ser interpretadas por seu público sem a necessidade de serem lidas, como os livros, são de fácil acesso não somente para os adultos, mas para as crianças também (POSTMANN, 1999).

Simultaneamente a essa mudança, a família também sofreu alterações. O número de filhos diminuiu, a mulher ganhou força e destaque no mercado de trabalho, as crianças passaram a ficar mais tempo na escola, brincar sozinhas e o tempo que passavam com seus pais/responsáveis tornou-se cada vez menor. A família tem se reunido menos para mediar conversas entre as crianças e/ou vistoriar o que elas fazem (POSTMANN, 1999; CAMPOS; SOUZA, 2003).

2.2 Mídias e comunicação

As mídias são partes integrantes da nossa sociedade, e as crianças já nascem inseridas nesse cenário tecnológico (VARELA; MELO, 2015). A exposição das crianças às mídias é cada vez maior e precoce (PATRAQUIM et al., 2018). Isso acaba

afetando nas relações sociais entre os indivíduos, além de influenciar na construção de si mesmo e do que é tido como imaginário (BELLONI, 2008).

Foi a partir da criação da televisão que as crianças começaram a ter acesso às informações que anteriormente eram restritas somente aos adultos (ABRÃO et al., 2015; POSTMAN, 1999). Com o surgimento e a massificação da internet esse acesso apenas tem crescido.

É preciso compreender que houve mudanças na sociedade, como o trabalho integral dos pais, que criaram um ambiente em que a criança passa mais tempo sozinha em casa, ficando exposta à televisão, ao computador, ao videogame etc. (WEBER; FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, 2015; BUCKINGHAM, 2007). Assim, conteúdos relacionados a drogas, bebidas, violência e sexo acabam alcançando essas crianças sem a devida mediação dos adultos (WEBER; FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, 2015).

2.2.1. Meios de comunicação e sociedade

Antes de discutirmos sobre a influência das mídias e dos meios de comunicação nas crianças, cabe uma definição dos conceitos de “mídia” e “meios de comunicação” que serão considerados no decorrer desta dissertação. Ao definirmos “mídia”, podemos nos voltar para sua origem estadunidense “*media*”, que remete ao conceito de meio, ou seja, podemos considerar que seria o meio pelo qual uma informação pode ser transmitida (GOMES, 2001).

A mídia não se pauta somente nos meios mais tradicionais, como televisão, jornal impresso, rádio; mas em outras formas de transmitir mensagens e cultura para os indivíduos (FISHER, 1996). Sendo assim, consideramos o conceito de mídia como o mesmo utilizado por Fisher (p. 28, 1996) “...meios de massa (ou *mass media*), meios de comunicação social, meios eletrônicos de comunicação, indústria cultural, entre outros”.

Os meios de comunicação e mídias possuem a capacidade de influenciar na visão que os indivíduos possuem de si mesmos, o que pode gerar padrões de comportamento e beleza, que acabam moldando a sociedade (PATRAQUIM et al., 2018). O que esses meios produzem para a grande massa da sociedade têm como essência a utilização de desejos do próprio público-alvo que, assim, cativa esses

impulsos fazendo o uso de música, imagens e sugestões que acabam inserindo ou reforçando outros desejos e padrões (SANTOS, 2010).

2.2.2. Internet

No início do milênio, as tecnologias da informação deram forma a uma revolução tecnológica que começou a ser moldada no século passado, atingindo um nível não mais progressivo e calmo. As tecnologias começaram a desenvolver-se aos saltos e em uma velocidade cada vez mais rápida que ia modificando cultura, economia e política no âmbito mundial (CASTELLS, 2011). Ou seja, essas tecnologias possuem a capacidade de adentrar em todos os aspectos das atividades humanas, pois “[...] todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados (embora, com certeza, não determinados) pelo novo meio tecnológico” (CASTELLS, 2011, pag. 108).

Segundo Castells (2011), a Internet começou a ser criada na década de 1960 nos Estados Unidos da América (EUA) a partir de pesquisas no Departamento de Defesa dos Estados Unidos em plena Guerra Fria, como uma forma de defesa contra a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A partir desses estudos, uma rede de computadores denominada ARPANET foi desenvolvida, sendo que essa rede não era passível de controle a partir de um centro. Ela era formada por diversas redes de computadores autônomos que geravam conexões que possibilitavam o uso dessa ferramenta. Tal rede possibilitava a conversa entre cientistas com os mesmos interesses, porém, com o tempo, acabou sendo difícil separar totalmente os interesses militares, científicos e pessoais, levando a uma expansão do uso da rede.

Nos anos de 1970, ocorreu a criação de um programa, que possibilitava a comunicação por mensagens entre os usuários dessa rede, chamado de *bulletin board system* (BBS), permitindo que os e-mails comessem a ganhar destaque (PALFREY, 2011; KADOOKA, 2019). A ARPANET teve seu fim em meados de 1990 com o surgimento de outras redes até a privatização total da internet, impossibilitando o controle que existia anteriormente. Ainda nos anos de 1990, foi criado o *world wide web* (WWW), um programa que passou a categorizar os sites da internet (CASTELLS, 2011). Ainda nos anos de 1980, as mídias sofreram mudanças como a portabilidade de aparelhos de música e o videocassete.

Na década de 1990, os telefones móveis ganharam destaque com a possibilidade de transmitir mensagens, com isso foi observado que a internet seria útil para a transmissão de imagens, voz, dados e mensagens, levando a maiores mudanças nos meios de telecomunicação e mídias. Castells (2011) indica que as:

Redes de televisão, gravadoras e estúdios de cinema melhoravam sua produção para alimentar todo um mundo supostamente faminto por linhas de produtos audiovisuais e de informação/entretenimento. E os provedores de serviço de internet estão tentando conectar à rede o mundo dos meios de comunicação de massa por meio de uma série de tecnologias, e de uma diversidade de conteúdos que possam complementar, se não substituir, a televisão e os vídeos armazenados (CASTELLS, 2011, pag. 451).

Talvez, para os indivíduos nascidos anteriormente aos anos de 1980, seja mais complicado entender esse novo universo criado com o surgimento da internet – os chamados “colonizadores digitais” ou os “imigrantes digitais” - porém, para os nascidos a partir desses anos, a convivência com a *web* seja mais simples, os nativos digitais. E, neste século, o mais interessante é o encontro entre essas duas gerações tão diferentes, em se tratando do uso de tecnologias de rede e do modo como essa tecnologia afetou o relacionamento entre as pessoas na sociedade atual (PALFREY, 2011). Os jovens utilizam a tecnologia normalmente no cotidiano e se unem por meio desta tecnologia, assemelhando-se aos números de horas gastos no ambiente virtual, a linguagem e o modo como vivem conectados (PALFREY, 2011). Palfrey (2011), afirma que:

Para estes jovens, as novas tecnologias digitais – computadores, telefones celulares, *Sidekicks* – são os principais mediadores das conexões humanos-com-humanos. Eles criaram uma rede 24/7 que mistura o humano com o técnico em um grau que nunca experimentamos antes, e que está transformando os relacionamentos humanos de maneira fundamental. Eles são completamente naturais na maneira de levar a vida, tanto no espaço on-line quanto nos espaços off-line. Não pensam em sua vida como algo notável. Os Nativos Digitais não conheceram nada além de uma vida conectada a outro e ao mundo dos *bits* desta maneira (PALFREY, 2011, pag. 14).

Essa nova geração possui as ferramentas digitais já inseridas no cotidiano, enquanto um imigrante digital não se sentiria seguro ou precisaria passar por um período de “alfabetização” na internet, os jovens já se sentem seguros e aptos a usar os aparatos eletrônicos sem a intimidação que a tecnologia poderia causar nos mais

velhos. Dessa forma, o meio digital está incluso em casa, nas amizades, escolas e em praticamente todos os ambientes alterando a forma como nos comunicamos atualmente (BORTOLAZZO, 2015).

A internet passou por vários estágios até chegar no ponto em que a conhecemos hoje. Ainda no início, a internet era a chamada internet 1.0, nela o usuário era considerado até mesmo solitário, pois não havia tantos perfis que produzissem conteúdos em sites como atualmente. Essa situação começou a mudar somente com a criação da internet 2.0 aumentando a interação entre usuários. É uma expressão utilizada principalmente para designar ferramentas e sites surgidos no início do século XXI, como as redes sociais, sendo assim o usuário começou a ficar mais ativo e com maior contato com o espaço virtual (ANTUNES, 2016).

Atualmente, estamos em contato com a internet 3.0, que veio com uma maior exposição/visibilidade do usuário, em que o compartilhamento de imagens, vídeos e informações tem se tornado cada vez maior, e aparelhos como smartphones já vêm geralmente com aplicações que permitem o compartilhamento de fotos, vídeos e informações, além de possibilitar a criação desses conteúdos, ou seja, de usuário passivo nos tornamos verdadeiros produtores de conteúdo (SANTOS, RIBEIRO, 2010; ANTUNES, 2016; KADOOKA, 2019). Sendo assim, hoje os indivíduos não são apenas consumidores passivos do conteúdo digital, eles são produtores, comunicadores e disseminadores de informações e mensagens (HAN, 2018).

Com o advento das redes sociais – principalmente do Facebook – a comunicação e a exposição entre os jovens aumentaram na internet. Uma decorrência dessa situação é a exposição da intimidade, pois a fácil ligação promovida pelas mídias digitais acaba diminuindo a distância entre as pessoas, o que pode levar à exteriorização do que seria privado (HAN, 2018). As novas ferramentas de postagem de fotos, vídeos e compartilhamento de ideias e notícias gerou uma ligação e um alcance muito maior das informações contidas nesses sites e conseqüentemente uma exposição maior dos usuários (KADOOKA, 2019). O contato dos indivíduos com computadores e internet levou a um aumento considerável e crescente da exteriorização da vida particular com o espaço público (SANTOS, RIBEIRO; 2017).

É de suma importância que os indivíduos tomem consciência de que as informações reveladas na *web* não podem ser totalmente controladas ou apagadas e de que seus dados pessoais ou círculo social podem ficar expostos para todo o mundo (PALFREY, 2011). Raramente os indivíduos dão a devida atenção às diretrizes das redes sociais e acabam utilizando-as sem saberem quais riscos sua privacidade pode

estar correndo em relação principalmente à segurança dos dados, além do fato das crianças poderem estar se sujeitando a riscos psicológicos e possivelmente físicos, também (PALFREY, 2011; KADOOKA, 2019).

No Brasil, já foi instituída a Lei Geral de Proteção de Dados (BRASIL, 2018), que regula o tratamento de dados dos indivíduos, porém ela é muito recente e desconhecida por muitos, e pode não controlar os dados que chegam e saem na *deep web*, por exemplo. Já o chamado Marco Civil da Internet (BRASIL, 2014), que acaba tratando também dos dados, incluindo a privacidade e a neutralidade da rede, deu poder aos juízes para que determinassem a retirada ou não de um conteúdo de um site por motivação coletiva; levantando polêmicas em relação à liberdade de expressão na internet (FURTADO, 2015).

Quando se transfere o controle da privacidade para o próprio usuário, é importante ter claro que ele precisa ter um suporte adequado para conseguir manter sua privacidade e não ser exposto desnecessariamente, os dados são importantes não somente para quem os coletam, mas também a quem eles se relacionam (PALFREY, 2011).

Observando as políticas e os termos de uso da maior rede social atual, o Facebook, é possível notar uma série de recomendações que podem ser desconhecidas por muitos usuários. Em relação ao uso da rede social, ela recomenda que não seja utilizada por menores de 13 anos ou abaixo da idade legal mínima que o país recomenda para usar a rede social. Segundo informações do próprio site:

Quem pode usar o Facebook

Quando as pessoas se responsabilizam pelas próprias opiniões e ações, nossa comunidade se torna mais segura e responsável. Por isso, você deve:

Usar o mesmo nome que usa em sua vida cotidiana.

Fornecer informações precisas sobre você.

Criar somente uma conta (sua própria) e usar sua linha do tempo para fins pessoais.

Abster-se de compartilhar sua senha, dar acesso à sua conta do Facebook a terceiros ou transferir sua conta para outra pessoa (sem nossa permissão).

Tentamos fazer com que o Facebook esteja amplamente disponível para todos, mas você não poderá usá-lo se:

Você for menor de 13 anos (ou se estiver abaixo da idade legal mínima em seu país para usar nossos Produtos).

Você tiver sido condenado por crime sexual.

Nós tivermos desativado anteriormente sua conta por violações de nossos Termos ou Políticas.

Você estiver proibido de receber nossos produtos, serviços ou software de acordo com as leis aplicáveis.

(<https://www.facebook.com/legal/terms>).

Quanto ao uso dos dados dos usuários, há uma cláusula que todo usuário aceita ao criar um perfil de acesso à rede, concordando em ceder: informações e conteúdo (como a localização, fotos, datas), redes e conexões, informação de como o usuário utiliza a rede social, transações realizadas no site, o que terceiros fazem e informam sobre o indivíduo em questão, informações sobre os dispositivos utilizados e informações de parceiros do site.

O Facebook deixa claro para o usuário que coletará seus dados pessoais e de padrão de uso da plataforma, assim como tenta delimitar o uso da rede social ao restringir idade e perfil. Porém, raramente os termos de uso são lidos ou analisados; o indivíduo acaba fazendo seu perfil sem se atentar a essas informações. Em relação às crianças, muitas possuem contas nessa rede social, elas acabam alterando a idade no sistema (que restringe os anos de nascimento ao se fazer o cadastro) para conseguirem ter acesso à rede, podendo não ter a devida orientação de como fazer uso ou se comportar nela, fornecendo dados pessoais e se colocando em situações para as quais ainda não estariam preparadas.

Quando nos atentamos à segurança digital, é muito comum a observação de casos de crianças e adolescentes que foram assediados por adultos, ficaram expostos a pornografias, violências e situações de vulnerabilidade. De acordo com Palfrey (2011):

Isso não quer dizer que os mundos on-line e off-line sejam idênticos. Há diferenças significativas: a extraordinária ubiquidade de informações potencialmente prejudiciais on-line, a facilidade do acesso a um usuário da internet independentemente da sua idade e a ausência de barreiras entre o jovem que está on-line e o conteúdo inadequado. E, como a maior parte do tempo que um nativo digital passa on-line não conta com a supervisão de um adulto, ele tem uma probabilidade muito menor de ter um adulto por perto para ajudá-lo a processar o material perturbador que acabou de encontrar (PALFREY, 2011, p.103).

2.3 Família, infância e mídia

Como dito anteriormente, a infância foi sendo estabelecida de diferentes formas na história. Ser criança há algumas – poucas – décadas era ser ingênuo, sem acesso a tudo que os adultos tinham, estar brincando na rua em roda, com bola, pulando corda. Hoje, quando pensamos na criança da sociedade ocidental que vivemos, nos

deparamos novamente com o que podemos chamar de adultos em miniaturas, há uma interligação entre a cultura adulta com a infância, algo que recebe o nome de adultização por alguns autores (WEBER; FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, 2016).

Os anúncios publicitários têm se voltado para um público cada mais novo, programas de televisão, roupas, alimentos e sites que antes seriam vistos como somente para adultos, hoje têm se tornado universal e atingido a todas as idades (POSTMANN, 1999; BUCKINGHAM, 2007; WEBER, FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, 2016). Logo, o “ser criança” de antes já não pode ser generalizado com o de hoje.

A criança nos dias atuais já não possui restrições de acesso à informação, muitas mensagens vêm em forma de imagem e isso pode tornar o seu acesso universal, porém o entendimento do que é visto é interpretado de forma diferente conforme a percepção e o desenvolvimento cognitivo de cada um. Em relação ao Brasil, é necessário ter em mente que desde os anos de 1970 as redes de comunicação têm ganhado espaço e, atualmente, as TIC ocuparam um papel central no processo de formação de ideias e no desenvolvimento da opinião crítica da sociedade como um todo (SETTON, 2002). O meio digital possui a capacidade de aproximar a imagem de nós, tornando tudo mais bonito e vivo do que existe na realidade, o que vai fazer com que a diferenciemos será nossa capacidade crítica, que pode não estar desenvolvida nos infantes (HAN, 2018). Logo, é importante ter em mente que a criança não é apenas um receptáculo do que vê nas mídias, ela também produz e se manifesta, sendo que, nesse ponto, é merecida maior atenção pelos cuidadores e adultos que a rodeiam.

É sabido que as tecnologias e mídias evoluíram de uma forma rápida e crescente. O fácil acesso às mídias a todo momento acabou fazendo com que o uso destas se difundisse entre todos os seres humanos, independentemente da idade (GUEDES et al., 2019). Hoje, as crianças, desde muito novas, já entram em contato com tablets, smartphones, televisão, videogames, desenhos e muitas vezes preferem essas atividades em vez de brincadeiras com bola, boneca, e brincadeiras de rua (PALFREY, 2011; PAIVA, COSTA, 2015; FREIRE, SIQUEIRA, 2019). Não apenas pela preferência, mas o papel da mulher no mercado de trabalho ganhou mais notoriedade não a restringindo dentro de casa, e pela questão da segurança atualmente, acaba fazendo com que a criança fique mais dentro de casa em meio a adultos, tendo a internet como forma de socialização, o que pode levar ao acesso de conteúdos inapropriados, como violência, sexo e exposição de privacidade e identidade (BUCKINGHAM, 2007; WEBER, FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, 2016). E,

muitas vezes, essa utilização é estimulada pelos pais como forma de entreter a criança, principalmente as de primeira infância, como forma de distraí-las ou estimulá-las nos períodos em que esses pais estão ocupados com o trabalho ou outros afazeres (GUEDES et al., 2019).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018, ocorreu um aumento significativo na utilização de internet no país. Até o ano de 2013 cerca de 48% dos domicílios possuíam acesso à internet, passando para 54,9% em 2014 e saltando para 79,1% em 2018. Sendo que destes, o celular se tornou a principal ferramenta de uso (99,2% dos que utilizam a internet) o que facilita o acesso remoto às mídias a todo momento. Quando o fator idade é colocado em observação, indivíduos com idade entre 10 e 13 anos que usam a internet estão em torno de 75% e aumentam gradativamente de acordo com a idade, com exceção dos indivíduos com 60 anos ou mais em que ocorre uma queda na utilização de meios eletrônicos. Outra preocupação com o aumento do acesso por crianças é a finalidade de uso da rede, houve um aumento na utilização desse meio para realização de chamadas de vídeos, assistir vídeos e filmes, além do recebimento de mensagens e uso de aplicativos que não envolvem o uso de e-mail.

Os efeitos, que podem ser nocivos, causados pela utilização cada vez mais precoce de aparelhos tecnológicos por crianças estão em estudo (FREIRE, SIQUEIRA, 2016). É importante ressaltar que, nessa fase da vida, a personalidade, o desenvolvimento social e o desenvolvimento cognitivo estão em construção, sendo assim, a capacidade de julgamento moral, aprendizagem e convivência não estão plenamente desenvolvidas (PIAGET, 1994; FREIRE, SIQUEIRA, 2019). De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (2016), o uso de tecnologias em excesso e de modo precoce pode estar relacionado à incidência de doenças mentais, aumento de ansiedade, queda da interação social, violência, *cyberbullying*, problemas relacionados ao sono, transtornos alimentares, maior vulnerabilidade e problemas relacionados à sexualidade.

Segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE, 2015), aproximadamente 30% dos indivíduos com idade entre 13 e 17 anos não possuem satisfação com o corpo que possuem por considerar que estão fora dos “padrões de beleza” da sociedade, visão que poderia levar essa pessoa a se inflingir a comportamentos considerados autodestrutivos.

De acordo com Freire e Siqueira (2019), a utilização de meios eletrônicos e internet pode aumentar os níveis de ansiedade e tristeza, além de abaixar os níveis

de autoestima. Considerando a idade dos jovens que responderam ao PeNSE, estes se encontram no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, ou seja, essas ideias e pensamentos podem ser oriundos desde o final da infância e se prolongarem até a idade adulta.

As crianças recebem e interpretam as informações vindas dos meios midiáticos de acordo com a mediação ou vivência que possuem no âmbito familiar, escolar e social. Elas solidificam essas mensagens levando em consideração o que já conhecem, o que pode misturar a realidade virtual ou midiática com a realidade que elas vivem na sociedade. Devido ao rápido desenvolvimento das TIC, muitos adultos não conseguem acompanhar essa curva ascendente de inovações e não conseguem monitorar ou mediar o contato das crianças com as TIC (PALFREY, 2011). Dessa forma, fica muito mais difícil estimular a capacidade crítica da criança em relação a tudo o que é exposto a ela (BELLONI, GOMES, 2008).

Tendo em vista que a criança convive com a família, frequenta o meio escolar e tem contato com as mídias, fica claro que o desenvolvimento cognitivo desse indivíduo será marcado pela ligação e interdependência desses três pilares, porém, quando se pensa em TIC, a família principalmente deve realizar o acompanhamento dessas crianças a fim de conseguirem mediar o que elas estão tendo acesso para que as influências sejam corretamente compreendidas, e os possíveis danos e vulnerabilidades possam ser evitados.

Como explanado anteriormente, a tecnologia está integrada no cotidiano da sociedade e isso inclui as crianças, o que pode gerar preocupações. É claro que as TIC podem ter um papel muito importante ao fomentar o desenvolvimento da linguagem, da escrita e estar presente na aprendizagem, principalmente em um período de pandemia (como o vivenciado em 2020, do vírus Sars-Cov-2) em que a educação passa por uma fase de ensino remoto. Porém, é necessário ter cuidado com os riscos causados pela exposição da criança à internet, smartphones e televisão (MAIDEL e VIEIRA, 2015).

O uso de mídias digitais está relacionado com problemas físicos, mentais e sociais e pode levar a uma situação em que o indivíduo se torna dependente das tecnologias de informação, principalmente de redes sociais. Tal fato é explicitado pelo documentário *Dilema das redes* (ORLOWSKI, 2020), que mostra como o algoritmo de sites e redes sociais agem de forma a garantir que o usuário passe maior tempo online, além de influenciar em mudanças de comportamento e dependência.

Os indivíduos podem ser influenciados pelos conteúdos a que têm acesso na internet, principalmente quando fazem parte de uma “bolha” de opinião. Esta influência pode afetá-lo de maneira profunda (ORLOWSKI, 2020). As crianças aprendem de acordo com o que veem ao seu redor e observam nos seus cuidadores seus principais modelos, os quais também utilizam as TIC regularmente (MAIDEL e VIEIRA, 2015; BRITO, 2018). Ao pensarmos nos pais, responsáveis e cuidadores das crianças, nos damos conta que são eles os responsáveis por proporcionar o contato da criança com a internet ao disponibilizarem aparelhos próprios para o acesso delas à rede de computadores. Os presentes que as crianças recebem atualmente dos seus pais e parentes são aparelhos de videogame, tablet, notebook, celular (ALMEIDA et al., 2011; SAMPAIO e CAVALCANTE, 2016).

Uma forma de tentar amenizar os efeitos negativos que as TIC podem ter é por meio da gestão parental, conhecida pela expressão “mediação parental”, como meio de evitar a exposição e de regular o acesso à internet (LIVINGSTONE; HELSPER, 2008; MAIDEL; VIEIRA, 2015; SAMPAIO; CAVALCANTE, 2016). Há algumas formas de mediação que foram categorizadas e expostas por Livingstone e Helsper (2008). A primeira delas é a mediação ativa, com debate e diálogo, para que a criança se sinta segura e confortável em trazer questões sobre a internet para que possam ser analisadas juntamente com seu responsável. A segunda, a mediação restritiva, em que ocorre a imposição de regras sobre utilização de TIC de forma proibitiva, vendo-as apenas como algo que gera malefícios, o que pode gerar comportamentos de risco e, a terceira, o uso acompanhado, com o cuidador presente enquanto a criança utiliza a internet.

Atualmente, há diversas ferramentas e aplicativos que os cuidadores podem usar para restringir o acesso a determinados conteúdos que porventura julgue impróprio para a criança, como softwares de bloqueio de conteúdo e senhas. Mas, o diálogo entre as gerações é necessário para que haja discussão crítica sobre o conteúdo exposto na rede, e principalmente para que os cuidadores busquem conhecimento sobre a utilização das TIC a fim de conseguirem instruir o uso seguro das ferramentas. A falta de conhecimento dos cuidadores sobre internet e tecnologias pode fazer com que não haja a correta mediação e intervenção sobre o uso que a criança faz, o que pode deixar mais forte a imagem de que as crianças atuais são autossuficientes no mundo virtual e não precisam da orientação de um adulto nesse meio (MAIDEL; VIEIRA, 2015).

Sendo assim, a mediação possui um importante papel para evitar comportamentos de risco por parte da criança. Mas, para isso, é fundamental que os cuidadores estejam prontos para discutir sobre segurança digital, criem um ambiente de compreensão para que a criança se sinta confortável e segura para discutir sobre o que está acessando, e ocorra a correta orientação sobre o uso de redes sociais, jogos e internet, controle do tempo de utilização e observação do conteúdo que a criança obtém (SAMPAIO; CAVALCANTE; BRITO, 2018).

2.4 Escola e mídia

O avanço da tecnologia também provoca mudanças no âmbito educacional, atualmente é comum o uso de computadores, internet, lousa digital e jogos eletrônicos como forma de estimular o estudo e diversificar o conteúdo de uma disciplina. Mas, em alguns casos, a mudança pode trazer dúvidas e/ou dificuldades para os docentes sobre como fazer uso da tecnologia nas aulas (SILVA; GOMES, 2015; BENTO, BELCHIOR, 2016).

Uma das dificuldades da escola, com a geração que já nasce inserida em um mundo de grande avanço tecnológico, é compreender e conhecer seu aluno. Isso porque as formas de comunicação estão diferentes, assim como a linguagem, o que pode gerar conflitos ou desencontros entre professores (colonizadores digitais) e alunos (nativos digitais). A escola poderia ter um papel muito mais significativo em inserir o aluno com segurança no mundo digital se estivesse em sintonia com a cultura que essas crianças criam com as tecnologias (BELLONI; GOMES, 2008).

Contudo, muitos professores ainda não fazem um uso corriqueiro da tecnologia no ambiente escolar por motivos de insegurança, por não terem formação para isso ou a escola não oferecer estrutura para trazer meios de inserir a tecnologia no currículo escolar (SILVA; GOMES, 2015). Em pesquisa realizada por Bitante e colaboradores (2016), foi constatado que cerca de 91% dos docentes não possuíam formação direcionada para o uso de tecnologias da informação, e muitos alegaram que a porcentagem de professores que utilizam tecnologias em sala de aula é menor por falta de formação adequada e investimentos em TIC.

Os professores devem se sentir seguros e se apropriarem das tecnologias, fazendo uso delas como instrumento para a prática docente, integrando-as no planejamento de aulas e práticas de ensino de forma que internalizem os recursos e

possam ter segurança em utilizar novas ferramentas em seu trabalho (SILVA; GOMES, 2015). O professor deve sentir que a mídia está a seu alcance para ajudar em seu trabalho e que ele tem a estrutura necessária para utilizá-la sempre que necessário (BENTO; BELCHIOR, 2016).

A geração atual que está nas escolas já é uma geração do acesso, acostumada a utilizar a tecnologia no cotidiano. Porém, não basta ter acesso à internet, é preciso ter a capacidade de discutir, interpretar informações, e nisso a escola teria um papel essencial em orientar e mediar a utilização de mídias tecnológicas, fomentando o debate, a comunicação e a capacidade crítica (BENTO; BELCHIOR, 2016). Sendo importante, inclusive, trazer a discussão de que a tecnologia não se resume apenas a uma lousa digital ou a um computador, há inúmeras visões do que estaria embutido em tecnologias da educação (como tecnologias de comunicação, social, simbólicas):

Quando falamos em tecnologias na educação, há uma tendência dos professores se referirem somente ao recurso computador e suas ferramentas. No entanto, tecnologias na educação são todos artefatos que fazem parte da realidade de muitas escolas do nosso país e, que são utilizados no processo ensino e aprendizagem (BRITO, 2006).

A formação de professores quanto ao uso de tecnologias da educação requer uma renovação em relação a como esse tema é trazido em cursos de formação continuada. Isso porque, segundo Brito (2006), o que pode estar ocorrendo é a discussão de uma nova ferramenta, configuração de softwares, em vez de refletirem sobre o uso da tecnologia em si, da sua importância, necessidade e transformações que ela causa na sociedade. O professor precisa entender o porquê de ser necessário utilizar recursos de mídias e de mediar a relação desses recursos com seus alunos, ou seja, o docente precisa se apropriar da tecnologia para trabalhá-la com segurança, de modo a promover a inclusão digital de seus alunos de forma consciente, estimulando o aprendizado e a capacidade crítica de seus discentes.

Importante salientar que a inclusão digital, citada no parágrafo anterior, é entendida como a participação dos indivíduos na produção de tecnologia, cultura e conhecimento; não sendo o aluno ou o professor um agente passivo, mas com ação e capacidade criativa, transformadores e promotores do processo educativo (BRITO, 2006).

É necessário que passemos a olhar para as mídias e tecnologias como ferramentas aliadas ao processo de aprendizado. A utilização da tecnologia na escola pode ter o potencial de aprofundar mais o aluno em determinado assunto, dinamizar a aula, estimular a pesquisa e o aprendizado.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo passou por análise do Comitê de Ética em Pesquisa, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP para que fosse devidamente aprovado (ANEXO A). Trata-se de uma pesquisa descritiva, observacional e analítica sobre o perfil de uso das mídias por crianças e o papel que estas ocupam em seu cotidiano (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Durante o trabalho, foi realizada a análise crítica sobre o perfil das crianças que fazem uso das TIC e, de certa forma, a mediação entre criança e mídia realizada por cuidadores e família, além do perfil socioeconômico de cada unidade familiar participante. As crianças participaram com autorização dos responsáveis, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A e B) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (APÊNDICE C). Elas estavam no sexto ano do Ensino Fundamental e foram o foco deste estudo por estarem em uma fase de transição da infância para a adolescência, visto que possuem idade entre 11 e 12 anos. E, dessa forma, fazer um retrato do conteúdo que estão acessando e que possivelmente as acompanharão nessa transição até a adolescência, o que auxiliará na mediação entre essas influências e a criança em desenvolvimento em uma tentativa de evitar situação de exposição e riscos frente as TIC.

3.1 Local do estudo

O estudo foi realizado em duas escolas de uma cidade de porte médio do interior do estado de São Paulo. A primeira é uma escola pública da rede estadual de ensino, com alunos do Ensino Fundamental II e, a segunda, uma escola privada que oferece Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. É importante salientar que, na escola estadual, por não haver outros níveis de ensino no horário diurno, não ocorre a mistura de alunos com idades discrepantes, algo que poderia interferir mais ainda na escolha por determinadas mídias e comportamentos no ambiente virtual. O mesmo ocorre na escola privada, onde os horários de intervalos entre as aulas são diferentes entre os níveis de ensino, que estão separados por pátios.

A escolha por trabalhar com escolas de diferentes redes se deu por ter a possibilidade de comparar a questão socioeconômica em relação à escolha da escola e sobre as relações das crianças e famílias com as TIC. Sobre a aceitação e participação das escolas no projeto, é importante ressaltar que as direções de ambas

escolas se mostraram abertas após conversa e esclarecimentos sobre o objetivo do trabalho.

3.2 Participantes

Para a realização do trabalho utilizamos de amostra de conveniência, em que foram entrevistadas 66 crianças do nível II do Ensino Fundamental e seus pais ou responsáveis, de duas escolas, sendo uma pública e outra privada. A adesão de crianças e responsáveis da escola privada foi de somente 6 indivíduos, logo não houve separação de escolas nas análises quantitativas em relação ao uso de mídias, somente no perfil socioeconômico, por não ter ocorrido diferença significativa entre esses grupos quando separados. As escolas e as crianças foram escolhidas por estarem abertas à realização de projeto, o método de escolha foi amostragem por conveniência.

3.3 Instrumentos e procedimentos

Essas crianças receberam um questionário (APÊNDICE D), no qual poderiam assinalar quais mídias mais utilizavam, o que buscavam na internet, por onde mais acessavam o ambiente virtual e se já tiveram acesso a algum conteúdo adulto. Os pais, ou responsáveis, receberam dois questionários diferentes. O primeiro, sobre a questão socioeconômica – para tal utilizamos o Critério Brasil (2018) (ANEXO B) - e outro, sobre a utilização das TIC (APÊNDICE E). Tanto o instrumento para as crianças quanto o para os pais foram criados baseados em perguntas propostas por Patraquim e colaboradores (2018).

Os questionários sobre TIC contavam com questões abertas e de múltipla escolha. As questões eram centradas no padrão de uso das TIC, redes sociais, se a criança seguia algum influenciador digital, conhecimento dos pais sobre o uso de tecnologias, rendimento escolar da criança de acordo com a visão dos cuidadores dela, entre outros questionamentos.

Antes da aplicação, os questionários foram lidos em voz alta junto às crianças, e todas as dúvidas foram tiradas para que elas pudessem responder o que era proposto com a segurança de que as respostas seriam anônimas e a participação livre e sem punições caso não houvesse desejo de serem entrevistadas.

Durante a explicação, foi discutido o que seria considerado conteúdo adulto e o critério utilizado foi o do Ministério da Justiça e Segurança (BRASIL, 2018): conteúdos com apologia à violência; crueldade de forma gráfica; sexo explícito ou com situação sexual complexa e de forte impacto; apologia ao uso de drogas ilícitas. Porém, tal definição foi explicada de modo mais brando para os alunos, citando situações de intimidade física entre pessoas, utilização de bebidas, cenas com conteúdo violento.

Foram entregues os questionários socioeconômicos e de TIC endereçados aos pais ou responsáveis, esses questionários foram entregues pela coordenação quando o responsável buscava a criança ou, em caso de a criança ir embora sozinha, ela mesma entregaria a seus cuidadores; com recados explicando a importância da pesquisa e do papel do TALE e do TCLE, ainda foi pedido que esses questionários fossem devolvidos no dia seguinte para a escola. O questionário destinado às crianças foi respondido em sala de aula com auxílio do professor, que havia sido comunicado sobre a aplicação do questionário, e da pesquisadora. Durante o preenchimento das fichas pelos alunos da escola estadual, alguns pediram que projetos sobre o tema fossem apresentados na escola, demonstrando que havia um interesse por parte deles na discussão sobre mídias e internet.

Os questionários foram recolhidos e seus dados repassados para o software PSPP (PSPP, 2013), para a realização das análises estatísticas. Importante salientar que as crianças podiam responder mais de um item em cada pergunta proposta.

3.4 Forma de análise dos dados

Foram realizadas as frequências absolutas e relativas das variáveis, assim como a busca de relações entre elas, com a utilização do teste de qui-quadrado de Pearson, em que foi estabelecido o nível de significância de 0,05. Primeiramente foram realizadas as análises dos questionários de classificação socioeconômica, buscando conhecer o panorama de vida da criança, dessa forma conseguiríamos saber a possibilidade de se ter mídias eletrônicas e digitais e a qualidade de acesso. Visto que pesquisas já realizadas demonstraram que o acesso à educação e à informação pode estar relacionado com a classe social que cada uma ocupa.

Após obtenção dos dados anteriores, o próximo perfil analisado foi o dos cuidadores da criança, com o objetivo de traçar uma relação entre a mediação e a observação realizada por esses adultos diante do rendimento escolar e das

ferramentas utilizadas para vistoriar o acesso aos conteúdos eletrônicos e digitais. Com a análise do questionário respondido pela criança, foi possível relacionar o tempo de acesso às TIC, a utilização de redes sociais, o acesso a conteúdo adulto, a presença de TIC no quarto e correlacionar esses dados com os levantados por meio dos pais, podendo nos dar a visão de se uma melhor mediação ou controle estariam relacionados com o modo como a criança interage com as mídias.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, trataremos dos resultados obtidos pelas análises dos questionários respondidos pelos pais e pelas crianças, assim como a discussão deles; fazendo comparações com estudos e pesquisas publicados para fomentar a discussão sobre o uso de mídias, internet e mediação.

4.1 Situação socioeconômica dos cuidadores

Ao todo, participariam da pesquisa 82 famílias, porém tivemos um retorno de 23 questionários socioeconômicos respondidos, sendo que, destes, 6 voltaram incompletos – a maioria dos dados obtidos foram das famílias dos alunos da escola pública. Os alunos da escola privada alegaram esquecimento por parte dos pais ou deles mesmos ao não responderem o questionário proposto. Desses questionários, 7 eram da escola privada e o restante da escola estadual, sendo assim, tivemos um engajamento maior entre os pais da escola estadual.

De acordo com a classificação do Critério Brasil¹ para as classes sociais, foi possível notar que entre os alunos da escola privada 66,67% das famílias da escola estão inseridas na classe B2, 16,67% pertencem à classe C1 e 16,67% à classe C2. Em relação à escola estadual, 10% estão na classe B2, 40% na classe C1 e C2 (Gráfico 1).

¹ O Critério Brasil é um método de classificação socioeconômica da população brasileira baseado em renda domiciliar média e bens de consumo. Divide a sociedade nos seguintes estratos:

Classe A – renda domiciliar média de R\$ 23.345,11

Classe B1 – renda domiciliar média de R\$ 10.386,52

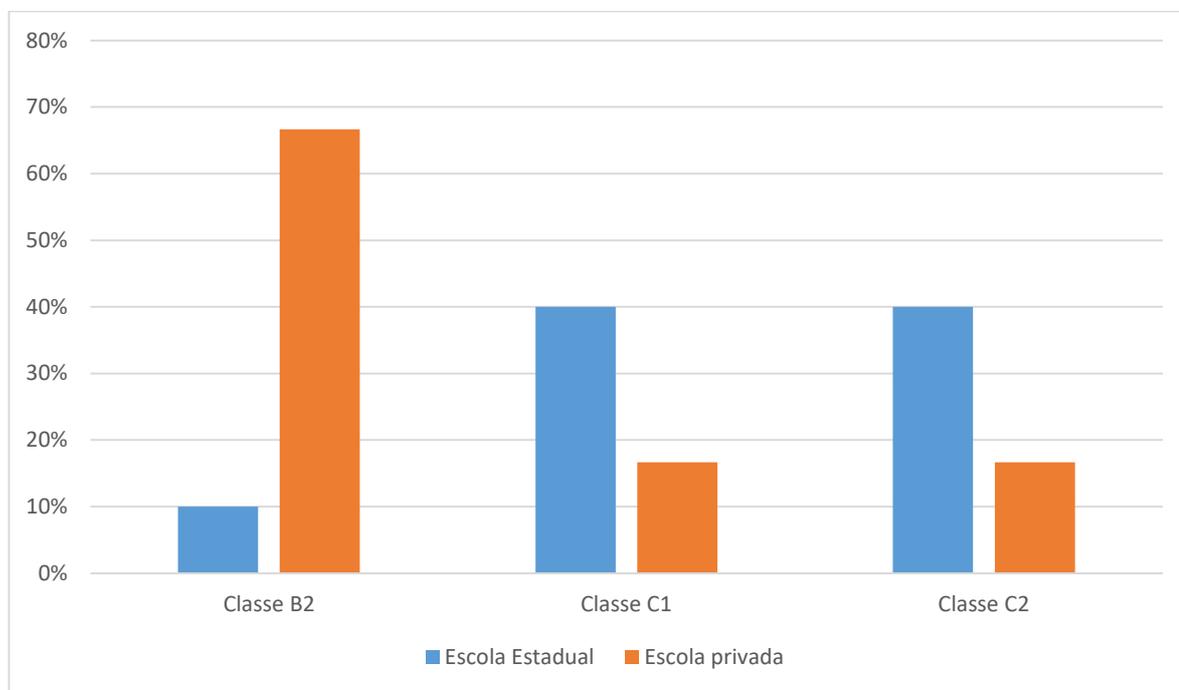
Classe B2 – renda domiciliar média de R\$ 5.363,19

Classe C1 – renda domiciliar média de R\$ 2.965,69

Classe C2 – renda domiciliar média de R\$ 1.691,44

Classes D-E – renda domiciliar média de R\$ 708,19

Gráfico 1 – Classificação da situação econômica das famílias entrevistadas.



Fonte: dados da pesquisa.

A reforma educacional, ocorrida no Brasil nos anos 80 do século XX, resultou em um fácil acesso à Educação Básica pela população. Porém, a qualidade de ensino sempre foi um tema preocupante no país (COSTA, 2010). Ao se pensar na qualidade e acesso à educação é necessário ter em mente que inúmeros fatores acabam interferindo: condições da escola, distribuição de renda, qualidade do material escolar etc. (CURY, 2002; SANTOS et al. 2016).

A infraestrutura do ambiente escolar tem influência no processo de aprendizagem, porém a realidade que a criança vivencia também possui um papel muito importante no rendimento escolar. Logo, o contexto socioeconômico que o indivíduo está inserido é uma variável que deve possuir grande observação para entender as diferenças que podem ocorrer na qualidade de ensino (SANTOS et al. 2018).

As condições socioeconômicas acabam categorizando os indivíduos em diferentes classes sociais (ALVES et al. 2014). Ao analisar os dados, foi possível

observar que as famílias pertencentes a classes mais elevadas e com os pais com índice de escolaridade maior matricularam seus filhos em uma escola da rede privada. Também podendo relacionar o poder socioeconômico com a escolaridade, concluímos que os pais com nível de escolaridade mais elevado também possuíam maior poder socioeconômico; assim como foi observado por Vieira e Tenório em 2014.

4.2 Resultados do questionário dos cuidadores

O questionário destinado aos responsáveis pelas crianças foi respondido por 23 pessoas, sendo 7 da escola privada e 16 da estadual. As mães se constituem maioria das pessoas que responderam (43,51%), seguido dos pais (26,1%), mas 21,7% destas pessoas não assinalaram a relação que têm com a criança. Os alunos pelos quais essas pessoas são responsáveis estão com idade entre 11 e 13 anos ($M = 11,71$; $DP = 0,59$). Importante notar o maior engajamento por parte dos participantes da escola estadual, e que, durante a visita, muitos alunos relataram sentir falta de trabalhos voltados para o uso de mídias e internet.

Foi pedido que os cuidadores dessem uma nota para o rendimento escolar que acreditavam que as crianças tivessem. A totalidade atribuiu notas entre 8 e 10, mostrando que consideravam o rendimento muito bom. Detalhando as notas dadas, temos que 52,17% dos cuidadores atribuíram nota 10; 39,13% consideraram que a criança em questão tinha 9 de rendimento, e os que atribuíram nota 8 foram 8,7%.

De acordo com a Tabela 1, é possível notar que a maioria dos cuidadores se consideram bons entendedores das mídias (56,52%) e que vistoriam o acesso das crianças (91,3%). Porém, quando questionados sobre como era realizada essa vistoria e mediação, poucos utilizavam algum aplicativo que controla o acesso às mídias ou observavam a classificação indicativa dos conteúdos. Em relação à observação do conteúdo junto com a criança e à observação das redes sociais, o número de cuidadores que fazem essa prática e dos que não atuam dessa forma ficaram muito próximos. Sendo assim, é necessária uma maior discussão para saber como está ocorrendo essa vistoria e o que é entendido por vistoria.

Tabela 1 – Frequência absoluta e relativa das respostas dos pais e ou responsáveis das crianças.

	<i>f</i>	%
Vistoria acesso da criança à internet		
Sim	21	91,3
Não	2	8,7
Tempo de uso diário da internet em dias úteis		
1 a 3 horas	16	69,6
3 a 6 horas	6	26,1
Mais de 6 horas	1	4,3
Tempo de uso diário da internet aos fins de semana		
1 a 3 horas	6	26,1
3 a 6 horas	14	60,9
Mais de 6 horas	3	13,0
Criança acessou conteúdo adulto		
Sim	10	43,5
Não	12	52,2
Não sei	1	4,3
Observa as redes sociais da criança		
Sim	10	56,5
Não	13	43,5
Uso de aplicativo para controlar o acesso		
Sim	4	17,4
Não	19	82,6
Classificação indicativa		
Sim	5	21,7
Não	18	78,3
Assisto junto com a criança		
Sim	10	43,5
Não	13	56,5
Possui internet em casa		
Sim	22	96,6
Não	1	4,4
Criança possui acesso à internet a todo momento		
Sim	16	69,6
Não	7	30,4
Considera que entende as mídias		
Sim	13	56,5
Não	3	13,1
Mais ou menos	5	21,7
Sem resposta	2	8,7

Fonte: dados da pesquisa.

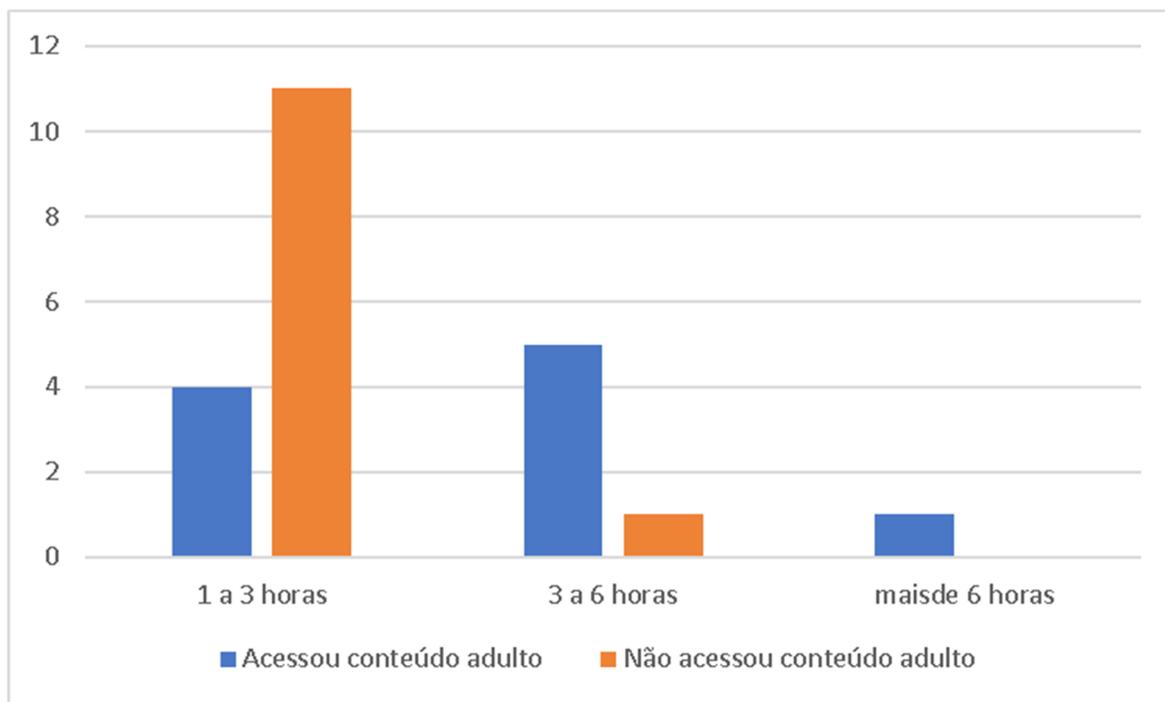
Ainda na Tabela 1, é possível observar que o tempo de uso da internet aos finais de semana é superior ao que é utilizado durante os dias úteis. Dessa forma, o

tempo que os pais poderiam passar com as crianças passa a ser gasto com mais três horas diárias dedicadas à internet. É importante saber que as crianças usam seus pais e cuidadores como modelos, sendo assim, podem utilizar esse hábito como exemplo e passarem a ficar cada vez mais tempo imersos no mundo virtual, logo é necessário que haja tempo gasto com atividades voltadas para as crianças fora da internet com a participação ativa dos cuidadores (PATRAQUIM et al. 2018).

Um dado importante adquirido foi o fato de que as crianças que mais tiveram acesso a conteúdo com teor adulto (Gráfico 2) são aquelas que os cuidadores dispensaram maior tempo no ambiente virtual em dias úteis ($X^2 = 6,81$, $p=0,033$). Isso poderia ser explicado pela falta de atenção ou tempo para vistoriar o que a criança observa no meio digital, sendo que um cuidador em específico chamou a atenção por passar mais de 6 horas em dias úteis na internet e a criança pela qual é responsável teve acesso ao conteúdo adulto. As crianças estão acessando esse tipo de conteúdo provavelmente num momento em que os pais não estão vistoriando sua atividade no ambiente virtual. Mas, é importante salientar que os pais poderiam estar fazendo o uso da internet para fins de trabalho, o que não foi separado no questionário.

O acesso precoce a esse tipo de temática pode levar a situações de vulnerabilidade e exposição na rede, visto que é necessária capacidade crítica e orientação para que as crianças não se exponham a riscos físicos, psíquicos e virtuais, além de correr o risco de expor seus dados e privacidade (RADESKY; CHRISTAKIS, 2016).

Gráfico 2: Relação entre o número de horas que os cuidadores passam na internet e o acesso que as crianças tiveram a conteúdo adulto



Fonte: dados da pesquisa.

4.3 Resultados do questionário das crianças

O questionário destinado às crianças teve 67 respondentes, sendo 7 da escola privada e 60 da estadual. A média de idade dos participantes dessa fase da pesquisa foi de 11,7 anos (com alunos entre 11 e 14 anos), sendo que, desses, 47,1% eram do sexo feminino e 52,9% do sexo masculino.

Sobre o acesso à internet foi possível notar que cerca de 92% das crianças utilizam o ambiente virtual (Tabela 2). Esse dado concorda com a pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), em que foi divulgado que 86% dos indivíduos com idade entre 9 e 17 anos eram usuários da internet, uma quantidade de aproximadamente 24 milhões de sujeitos (Cetic.br, 2018). O local onde mais acessam a rede é o ambiente doméstico, visto que, 97% dos participantes responderam que esse acesso ocorria em casa; também, corroborando com dados do Cetic.br (2018), em que 91% dos

indivíduos entrevistados utilizavam a internet em casa.

Na Tabela 2, é possível observar uma porcentagem alta de indivíduos que acessam a internet pelo aparelho de celular ou smartphone (94%) quando comparados com outros aparelhos como o tablet e computador (6%); indo em concordância com dados divulgados pelo IBGE (2018) mencionados na subseção 2.3 (p.21) e com dados da Tabela 3, os quais demonstram percentual elevado de alunos que não utilizam computadores e tablets com frequência. Segundo Nagumo e Teles (2016), o alto uso do celular pode estar relacionado ao desejo de provar identidades e ao sentimento de liberdade que as tecnologias móveis permitem, principalmente na adolescência. Além de proporcionarem a rápida comunicação e conexão entre pessoal.

Tabela 2 – Frequência absoluta e relativa das respostas das crianças sobre o acesso à internet. (continua)

	<i>f</i>	%
Acessa internet		
Sim	63	92,6
Não	5	7,4
Por onde mais acessa a internet		
Celular/Smartphone	63	94,0
Computador/Notebook	4	6,0
Em que local mais acessa		
Casa	66	97,0
Escola	1	1,5
Outro	1	1,5
Acessa sites de pesquisa		
Sim	4	6,0
Não	63	94,0
Acessa redes sociais		
Sim	23	34,3
Não	44	65,7
Assiste YouTube		
Sim	37	55,2
Não	30	44,8
Assiste séries		
Sim	21	31,3
Não	46	68,7
Utiliza jogos		
Sim	28	41,8
Não	39	58,2
Procura notícias		
Sim	1	1,5
Não	67	98,5
Utiliza o YouTube		
Sim	16	29,1

Tabela 2 – Frequência absoluta e relativa das respostas das crianças sobre o acesso à internet. (conclusão)

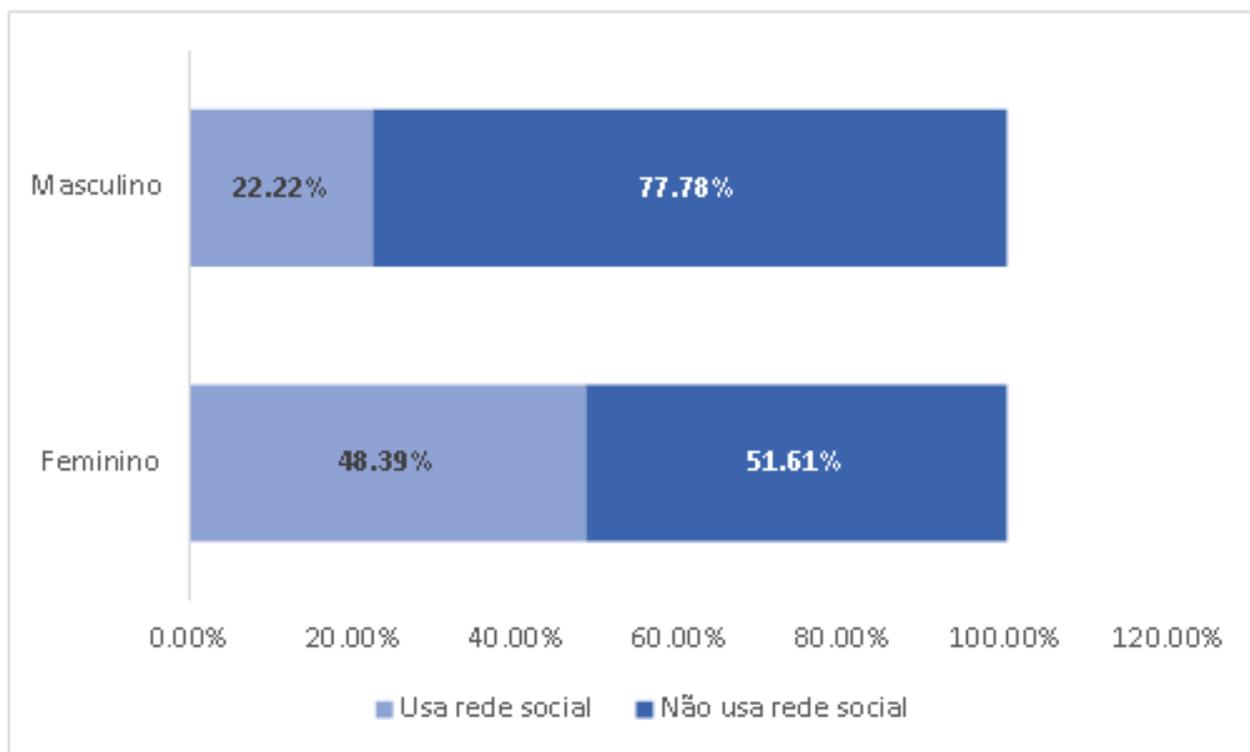
	<i>f</i>	%
Não	39	70,9
Utiliza o Facebook		
Sim	16	30,0
Não	38	70,0
Utiliza o Instagram		
Sim	30	54,5
Não	25	45,5
Faz uso do WhatsApp		
Sim	34	62,7
Não	20	37,3

Fonte: dados da pesquisa.

Os dados obtidos demonstram que a rede social Facebook tem caído em desuso pelos usuários mais jovens. Entre os participantes, 34,3% usam redes sociais, porém 71,7% afirmaram que não utilizavam o Facebook em comparação com os 45,45% que não utilizavam o Instagram. Sendo assim, entre os indivíduos que responderam o questionário e que utilizam redes sociais, é maior a procura pelo Instagram do que pelo Facebook (Tabela 2). Esses dados vão ao encontro de reportagens publicadas pela *Forbes* (2019), pelo jornal *O Estadão* (2019) e da pesquisa realizada pela *Edison Research* (2019) que apuraram uma queda de 15 milhões de usuário do Facebook no ano de 2017, somente nos Estados Unidos da América, principalmente no grupo composto por indivíduos entre 12 e 34 anos, que alegaram ter saído da rede por estarem tomadas por familiares e terem interesse em outras redes sociais como Instagram, Tumblr e Twitter.

O uso de rede social, frequente ou esporádico, é mais comum entre o sexo feminino, com percentual de 65,2% (Gráfico 3), o que nos reporta a uma preocupação da sociedade com o uso das mídias sociais, pelo fato das mídias imporem padrões de beleza para as mulheres e estas tentarem alcançá-los para serem consideradas bonitas ou dentro dos padrões divulgados. Essa situação tem levado a uma cultura da magreza e da vida *fitness*, assim como a procedimentos de estética que podem reforçar o narcisismo (ABJAUDE, et al., 2016; SILVA et al., 2018). Tal apreensão com essa padronização é explicada pela possibilidade de gerar sentimentos de insatisfação, frustração e solidão, até mesmo doenças como depressão, ansiedade e transtornos alimentares (LIRA et al., 2017; SILVA et al., 2018).

Gráfico 3: Relação entre o sexo e o uso de rede social.



Fonte: dados da pesquisa.

Dados expostos anteriormente do PeNSE (2015) mostraram que entre as estudantes avaliadas, a insatisfação com o próprio corpo foi de aproximadamente 80%, elas consideravam que a imagem corporal era algo extremamente importante para si; e ainda foi verificado que, no grupo de estudantes do sexo feminino, era onde estava a maior porcentagem de indivíduos que tentavam modificar o peso corporal (35,0%).

Ainda olhando para as participantes do sexo feminino, o uso da rede social Instagram também foi maior, cerca de 81% das estudantes usam o aplicativo/rede social. Essa rede social, apesar de possibilitar trocas de mensagens, divulgação de fotos e vídeos, tem sido utilizada como ferramenta de propaganda e criado *digital influencers* que buscam *likes* e disseminam suas ideias para seus seguidores (ABJAUDE, et al., 2016).

Segundo reportagem publicada pelo site da *BBC* (2017), o uso do Instagram está relacionado ao desenvolvimento de transtornos mentais e alimentares. Essa rede social foi considerada também a mais tóxica ao se pensar em saúde mental, trazendo

relatos de jovens com depressão, por verem situações que expõem vidas e corpos perfeitos. Essa preocupação fez com que a plataforma criasse ferramentas que parassem a divulgação da quantidade de curtidas que as postagens conseguiam. Mas, pesquisadores ainda pedem que outras soluções sejam criadas para que crianças e adolescentes não sejam expostos a situações que deixem sua saúde mental vulnerável por estarem tendo acesso a conteúdos que possam causar algum tipo de transtorno, além de ser necessárias melhorias em relação à segurança no aplicativo. Relacionando essas informações com os resultados obtidos, fica claro a necessidade de um maior cuidado ao se tratar de redes sociais e autoimagem, para que a criança e o pré-adolescente não acabem tentando moldar seus corpos e suas vidas para serem aceitos em uma cultura de padronização corporal e exposição da vida perfeita.

Analisando a Tabela 3, a porcentagem de crianças que possuem mídia no quarto é consideravelmente alta (74,2%), ou seja, é um ambiente em que muitos ficam sozinhos e sem a observação de algum adulto; sendo o videogame a ferramenta mais citada entre as alternativas disponíveis. Ficando em ambiente particular, a mediação pode ser prejudicada caso os cuidadores não conheçam o conteúdo dos jogos que a criança utiliza.

O consumo de jogos e videogames foi melhor entre os sujeitos do sexo masculino. Aproximadamente 73% dos alunos que jogam são do sexo masculino, no universo estudante eles representaram 55,56% da amostra. Outro dado interessante foi observar que a presença do videogame no quarto também foi maior no grupo masculino, dos alunos que possuíam tal mídia no quarto, 73,08% se declararam como sendo do sexo masculino (Tabela 3).

Tabela 3 – Frequência absoluta e relativa das respostas das crianças sobre utilização de equipamentos de mídia e tempo gasto em casa.

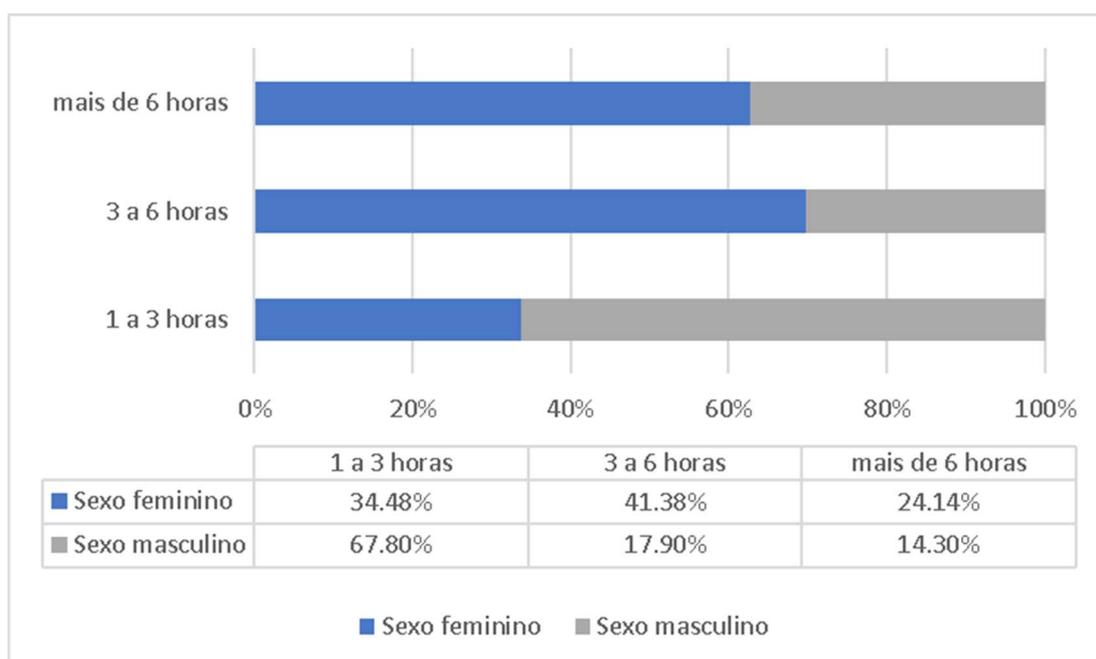
	<i>f</i>	%
Utiliza computador		
Sim	2	2,9
Não	66	97,1
Faz uso de Tablets		
Sim	2	2,9
Não	66	97,1
Assiste TV com frequência		
Sim	9	13,2
Não	29	86,8
Tempo de uso da internet em dias úteis		
1 a 3 horas	29	50,9
3 a 6 horas	17	29,8
Mais de 6 horas	11	19,3
Tempo de uso de videogame em dias úteis		
1 a 3 horas	31	58,0
3 a 6 horas	9	17,3
Mais de 6 horas	13	24,7
Tempo assistindo TV em dias úteis		
1 a 3 horas	30	57,7
3 a 6 horas	13	25,0
Mais de 6 horas	9	17,3
Tempo de uso da internet aos finais de semana		
1 a 3 horas	22	36,1
3 a 6 horas	18	29,5
Mais de 6 horas	21	34,4
Tempo de uso de videogame aos finais de semana		
1 a 3 horas	19	39,6
3 a 6 horas	10	20,8
Mais de 6 horas	19	39,6
Tempo assistindo TV aos finais de semana		
1 a 3 horas	20	40,8
3 a 6 horas	12	24,5
Mais de 6 horas	17	34,7
Possui mídia no quarto		
Sim	49	74,2
Não	17	25,8
Possui computador no quarto		
Sim	15	23,1
Não	50	76,9
Possui videogame no quarto		
Sim	26	40,0
Não	39	60,0
Possui TV no quarto		
Sim	20	30,8
Não	45	69,2

Fonte: dados da pesquisa.

O uso de jogo e videogames está relacionado ao desenvolvimento da função motora, reflexo e pensamento lógico devido à grande quantidade de estímulos aos quais o jogador é exposto. Porém, o uso em excesso pode ocasionar ataques epiléticos, síndromes musculoesqueléticas, patologias mentais e metabólicas e distúrbios do sono (CARVALHO; ALVES, 2011).

O tempo que os participantes passam on-line em dias úteis foi avaliado, e constou que os indivíduos do sexo feminino tendiam a passar mais de 3 horas diárias na internet. A maioria das alunas se encaixou nos grupos que passavam entre 3 e 6 horas ou mais de 6 horas on-line em dias úteis; em contrapartida, os estudantes do sexo masculino ficaram em sua maioria no grupo que ficava entre 1 e 3 horas na internet (Tabela 3 e Gráfico 4).

Gráfico 4: Uso da internet em dias úteis de acordo com o sexo dos participantes da pesquisa.



Fonte: dados da pesquisa.

A televisão foi uma mídia que causou grandes mudanças na sociedade, como filmes, novelas, propagandas e passou a fazer parte do cotidiano da população mundial (BUCKINGHAM, 2007). Porém, vem perdendo espaço para a internet, o que pode ser relacionado à alta de sites que possibilitam acesso a filmes, séries e novelas sob demanda (*streamings*). Entre os participantes da pesquisa, 92,06% dos que

utilizam a internet consomem menos TV do que aqueles que não consomem muito conteúdo da internet (20,05%).

Nossos resultados corroboram a Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD) (IBGE, 2018), que divulgou uma queda de televisores nas residências brasileiras, passou de 96,7% em 2017, para 96,4% em 2018; além de um decréscimo da porcentagem de residência com televisão de assinatura, saindo de 32,9% em 2017, para 31,8% em 2018. Ainda segundo o IBGE, os motivos alegados para a não assinatura de pacotes de televisão foi que programas, vídeos e filmes adquiridos pela internet conseguiam substituir a televisão, e por serem mais caros.

As crianças que fazem uso da internet, na maior parte, são aquelas cujos cuidadores utilizam o meio virtual. A maioria dos cuidadores também possui o costume de utilizar a internet. Também, foi possível notar que as crianças que declararam ser observadas por seus responsáveis enquanto acessam o conteúdo, em sua maioria, foram as crianças que possuem aparelho celular. E que a maioria dos cuidadores observavam o que elas veem (Tabela 4).

Sobre possuir material adulto no celular (Tabela 4), os alunos que alegaram não possuir tal conteúdo, em sua maioria, são aqueles que já não acessavam sites com conteúdos direcionados a adultos. Segundo a TIC Kids On-line Brasil (2019), cerca de 22% de crianças e adolescentes assistiram cenas de violência com muito sangue, 12% viram forma de machucar a si mesmo e 15% como cometer suicídio, além de que 10% tiveram acesso a conteúdo sobre uso de drogas. Sobre o conteúdo sexual, esse percentual é de 15%, e o preocupante é que 18% já teriam recebido mensagens de conteúdo sexual e outros já haviam recebido solicitações de fotos nuas.

Tabela 4 – Frequência absoluta e relativa das respostas das crianças sobre conteúdo adulto, mediação dos cuidadores e utilização da internet por seus responsáveis.

	<i>f</i>	%
Responsável media/observa o uso das mídias		
Sim	47	70,1
Não	20	29,9
Já acessou site com conteúdo adulto		
Sim	22	32,4
Não	46	67,6
Já se sentiu influenciado a utilizar bebidas alcoólicas por postagens ou vídeos		
Sim	4	6,4
Não	59	93,6
Acompanha algum produtor de conteúdo do YouTube		
Sim	46	82,1
Não	10	17,9
Seus responsáveis utilizam internet		
Sim	33	80,5
Não	8	19,5
Seus responsáveis pedem ajuda para utilizar internet		
Sim	31	49,2
Não	15	23,8
As vezes	17	27,0

Fonte: dados da pesquisa.

Na Tabela 4, é possível ver que 32,4% dos alunos acessaram sites com conteúdo adulto. Sobre esse acesso, as crianças também foram questionadas sobre a reação que apresentaram ao ver tais materiais. Entre as respostas, obtivemos os seguintes comentários:

“Fiquei sem reação”.

“Assustado”.

“Não gostei, achei desagradável”.

“Medo”.

“Bem tensa”.

“Muito inadequado para crianças”.

“Achei estranho”.

“É muito mais interessante do que de criança e bem mais ‘daora’”.

“Fiquei de cara”.

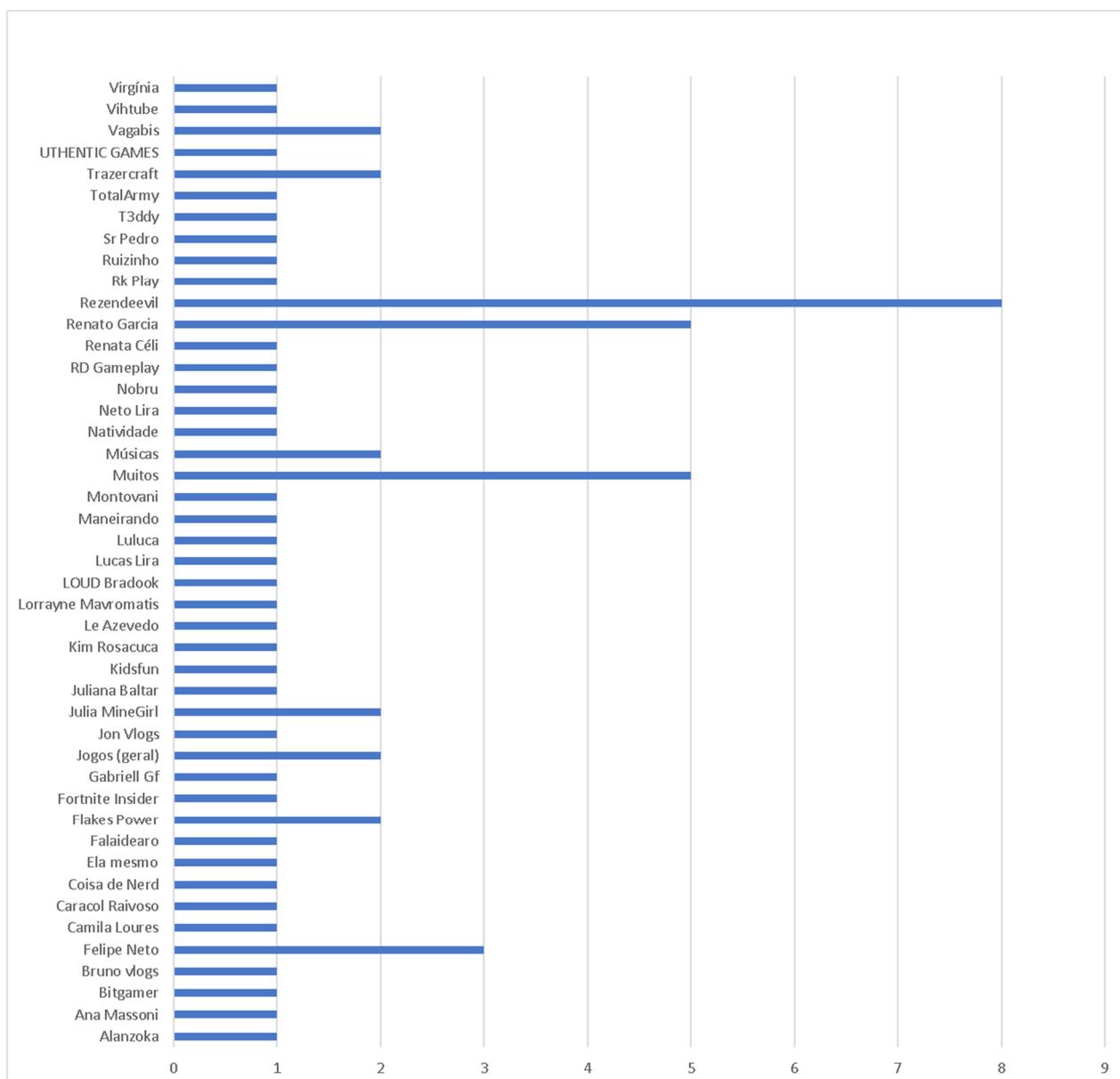
“Acessei sem querer”.

Pelas falas é possível perceber que as crianças não se sentiram confortáveis ao se exporem a conteúdos classificados como não recomendados para menores. As respostas com “assustado” ou “ficar sem reação” foram inúmeras e demonstram que não estavam preparadas ou não sabiam lidar com determinados assuntos encontrados na internet.

A maior parte das crianças não se sentiu influenciada pelo YouTube a fazer uso de bebidas alcoólicas. Isso pode estar relacionado à política do site que regula a propaganda e a utilização de bebidas alcoólicas pelos produtores de conteúdo da plataforma. Segundo, nas políticas da plataforma são proibidos vídeos com conteúdo sobre a utilização de drogas que não possuam caráter educativo, em uma tentativa de não propagar o uso de substâncias nocivas.

A maioria dos participantes (82,1%) respondeu que seguia algum influenciador do YouTube (Tabela 4) e citou qual mais acompanha (Gráfico 5). Segundo estatísticas realizadas pelo próprio site (acesso em 2020), o YouTube é uma plataforma que conta com mais de dois bilhões de usuários, aproximadamente um terço da internet, soma um bilhão de horas assistidas diariamente (a maioria assistida com o uso de aparelho móvel) e o número de canais com mais de um milhão de inscritos aumenta cerca de 65% por ano. Sendo assim, é uma rede com grande produção de conteúdo, com temas variados e com um alcance de público muito alto.

Gráfico 5: Canais do YouTube que as crianças mais acompanham.



Fonte: dados da pesquisa.

Sobre qual produtor de conteúdo as crianças acompanhavam, houve uma gama de canais diferentes. Sendo os relacionados a jogos e videoblogues (vídeos sobre o cotidiano de uma pessoa) aqueles com maior número de inscritos entre as crianças da pesquisa (Gráfico 5).

Os responsáveis que faziam uso do ambiente virtual também disseram precisar menos de ajuda das crianças para acessar a internet; isso pode representar que os cuidadores já estariam adaptados à internet ou que a geração dos cuidadores já estaria mais integrada a um mundo mais tecnológico. Mas, de acordo com pesquisas

realizadas pelo Cetic.br, 52% da população de crianças com idade entre 11 e 12 anos consideram saber mais sobre a internet do que seus responsáveis; entre 13 e 14 anos, esse percentual sobe para 67% (CETIC, 2018). Esses dados são importantes pois, se os cuidadores não estiverem habituados ou familiarizados com a rede, a mediação entre a criança e o ambiente virtual ficará falha ou dificultosa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado demonstrou que as crianças, em sua maioria, têm utilizado aparelhos de telefonia móvel (Smartphone) para acessar a internet, tal meio poderia prejudicar a mediação do conteúdo pelos pais pelo fato de ser uma ferramenta portátil, diferente de um microcomputador. Foi constatado que a televisão está caindo em desuso e dando lugar a outras mídias como programas de streaming, internet e aparelhos de telefonia móvel. As redes sociais são sites com maior procura por usuários do sexo feminino, enquanto jogos possuem mais homens, ou seja, ambos os sexos utilizam essa mídia como forma de lazer e socialização, principalmente em ambiente doméstico.

O uso de álcool não foi associado pelos participantes à visualização de vídeos na internet, o que pode estar relacionado com políticas de uso das plataformas acessadas. Porém, a reação ao acessar conteúdo adulto demonstra que as crianças não sabiam lidar com a informação que estavam acessando, o que nos permite ver que é necessária uma maior mediação dos cuidadores e educadores sobre o à internet e utilização de tecnologias.

Sobre a mediação no ambiente doméstico, apesar de muitos cuidadores responderem que observam o que as crianças fazem na internet ou que procuram nas mídias, não tinham uma forma definida de como fazer isso. Mesmo citando aplicativos ou que olhavam as redes sociais, a mediação e a discussão sobre o uso de TIC não foi mencionado, mesmo em respostas abertas. É extremamente necessário desenvolver debates, palestras e atividades em ambiente escolar sobre a segurança digital, a proteção de dados, sobre conversas com terceiros em ambiente virtual, o perigo de marcar encontros ou enviar mensagens para desconhecidos, bem como estabelecer um vínculo com o que é tratado em casa para que crimes, *cyberbullying*, dependência e problemas de saúde sejam evitados. A escola, juntamente com cuidadores e sociedade, possui o dever de orientar, conscientizar e fomentar as discussões e mediações para que as crianças utilizem a internet de modo seguro, tanto para o aprendizado quanto para momentos de lazer.

O estudo sobre o que crianças estão acessando na internet deve continuar por ser imprescindível a utilização de estratégias de cuidadores e educadores para que os riscos on-line sejam reduzidos e as crianças estejam a salvo de situações de exposição, violência e crimes virtuais. Além de ser necessário, a mediação no

contexto familiar e escolar servem para que a criança seja estimulada a refletir criticamente sobre o conteúdo que está acessando e possa ser um indivíduo ativo e consciente ao utilizar a internet e outras mídias.

REFERÊNCIAS

- ABJAUDE SAR, P. LB, ZANETTI M., PEREIRA LRL. How do social media influence mental health? SMAD, Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. v.16, n. 1, p. 1-3, 2020.
- ABRÃO, R. K.; ABRANTES, D. R.; BEIERSDORF, D. S. *et al.* A constituição da infância permeada pelo contexto social, mídia e brinquedo. **Zero-a-seis**, Florianópolis, v. 17, n. 31, p. 79-90, jan./jun. 2015.
- ALMEIDA, A. N.; ALVES, N. A.; DELICADO, A. As crianças e a internet em Portugal: Perfis de uso. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Oeiras, n. 65, p. 9 - 30, jan. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292011000100001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 set. 2020.
- ALVES, L.; CARVALHO, A. M. Videogame: é do bem ou do mal? Como orientar pais. **Psicol. Estud.**: Maringá, v. 16, n. 2, abr./jun. 2011.
- ANTUNES. B. A internet das pessoas: a *Web 3.0*, a exposição dos usuários nas mídias sociais e a polarização de ideias na rede. **Anuário Unesco/Methodista de Comunicação Regional**, v. 20, n. 20, p. 191-203, jan./dez. 2016.
- ARIÈS, P. História social da criança e da família. **Guanabara**, Rio de Janeiro, 280 págs., 1981.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA (ABEP). Critério de classificação econômica Brasil, 2018. Disponível em:<www.abep.org>. Acesso em: 10 de abril de 2020.
- BELLONI, M. L.; GOMES, N. G. Infância, mídias e aprendizagem: autodidaxia e colaboração. **Educ. Soc.**: Campinas, v. 29, n. 104 – especial, p. 717 – 746, out, 2008.
- BENTO, L.; BELCHIOR, G. Mídia e educação: o uso de tecnologias em sala de aula. **RPI: Cajazeiras**, v. 1. ed. especial, p. 334 – 343, set./dez. 2016.
- BERNARTT, R. M. A infância a partir de um olhar sócio-histórico. **IX Congresso Nacional de Educação**, 2009. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2601_1685.pdf >. Acesso em janeiro de 2020.
- BITANTE, A. P.; FARIA, A. C.; GASPAR, M. A. et al. Impactos da tecnologia da informação e comunicação na aprendizagem dos alunos em escolas públicas de São Caetano do Sul (SP). **Holus**, ano 32, v. 8, p. 281-302, 2016.
- BORTOLAZZO, S.F. De que geração estamos falando? Narrativas acadêmicas produzindo crianças e jovens digitais. **37ª reunião nacional da ANPEd**, Florianópolis, UFSC, 2015.
- BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. **Diário oficial [da] República Federativa do**

Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 14 de jan. 2020.

BRASIL. Lei 13.709, de 14 de agosto de 2018. Lei geral de proteção de dados pessoais (LGPD). **Diário oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 17 jul. 2018. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13709.htm>. Acesso em: 14 jan. 2020.

BRITO, G. S. Inclusão digital do profissional professor: entendendo o conceito de tecnologia. **30º Encontro Anual da ANPOCS**. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/30-encontro-anual-da-anpocs/gt-26/gt24-14/3475-gbrito-inclusao/file>>. Acesso em: 22 de novembro de 2020.

BUCKINGHAM, D. Crescer na era das mídias eletrônicas. São Paulo: **Loyola**, 2007.

CAMPOS, C. C. G.; SOUZA, S. J. Mídia, cultura do consumo e constituição da subjetividade na infância, **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 23, n.1, p. 12-21, 2003.

CASTELLS, M. A sociedade em rede, 8ª ed. São Paulo: **Paz e Terra**, 2005.

CETIC.BR. [Kids Online Brasil] Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil - TIC Kids On-line Brasil 2018. Disponível em: <https://cetic.br/media/docs/publicacoes/216370220191105/tic_kids_on-line_2018_livro_eletronico.pdf>. Acesso em: 22 de novembro de 2020.

CETIC.BR. [Kids Online Brasil]. Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil - TIC Kids On-line Brasil 2017. Disponível em: <<https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tic-kids-on-line-brasil-2017/>>. Acesso em: 22 de novembro de 2020.

CURY, C. R. J. A educação básica no Brasil, **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 80, p. 168-200, 2002.

EDISON RESEARCH. The social habit 2019. Disponível em: <<https://www.edisonresearch.com/the-social-habit-2019/>>. Acesso em: 22 de novembro de 2020.

FISCHER, R. M. B. Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade. Programa de pós-graduação em educação, Faculdade de educação, UFRGS, Porto Alegre, 1996.

FURTADO, L.M.C. A inviolabilidade à imagem e à honra: os limites das legislações à luz das redes sociais. **JUS**, 2015. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/39552/a-inviolabilidade-a-imagem-e-a-honra-os-limites-das-legislacoes-a-luz-das-redes-sociais>>. Acesso em: 04 set. 2019.

FREIRE, C. O.; SIQUEIRA, A. C. A influência da tecnologia no desenvolvimento infantil, **Revista Farol**, Rolim de Moura/RO, v. 8, n. 8, p. 22-39, jun/2019.

GOMES, P. B. M. B. Mídia, imaginário de consumo e educação. **Educ. soc.** [online], v. 22, n. 74, p. 191-207, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302001000100011&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em 12 de janeiro de 2021.

HAN, B. C. No enxame: Perspectivas do digital. **Editora vozes**: Petrópolis/RJ, 2018.

HENICK, A. C.; FARIA, P. M. F. História da infância no Brasil. **XII Educere**: Paraná, 2015. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19131_8679.pdf>. Acesso em 22 de novembro de 2020.

INDICADORES HELPLINE. Helpline, 2020. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/247956/referencia-site-abnt-artigos/>>. Acesso em 01 de dezembro de 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2018. IBGE: Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101631>>. Acesso em: 15 de julho de 2020.

LIVINGSTONE, S.; HELSPER E. Parental mediation and children's Internet use. **Journal of broadcasting & electronic media**, v. 52, n. 4, p. 581-599, 2008.

KADOOKA, A. A inquisição virtual: um estudo sobre a moralidade nos sites de redes sociais. Orientador: Rita Melissa Lepre. 2019. 188 f. Dissertação (**Doutorado em Psicologia**) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019. DOI <http://hdl.handle.net/11449/183633>. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/183633?show=full>. Acesso em: 4 jul. 2020.

LIRA, A. G. et al. Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. **J. bras. psiquiatr.** Rio de Janeiro, v. 66, n. 3, p. 164-171, Sept. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852017000300164&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 Out. 2020.

MAIDEL, S.; VIEIRA, M. L. Mediação parental do uso da internet pelas crianças. *Psicol. rev.* (Belo Horizonte) [on-line], vol. 21, n. 2, p. 293-313, 2015. O Dilema das redes. Direção de Jeff Orlowski. EUA. **Netflix**, 2020. On-line (94 min.).

MENEZES, S. M. M. Adultização da infância pela mídia: uma leitura sócio-histórica. **Revista Psicologias**, v. 2, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/psi/article/view/269>>. Acesso em: 24 de julho de 2020.

MOURA, T. B.; VIANA, F. T.; LOYOLA, V. D. Uma análise de concepções sobre a criança e a inserção da infância no consumismo. **Psicologia: ciência e profissão**: Brasília, v. 33, n. 2, p.474-489, 2013.

NAGUMO, E.; TELES, L. F. O uso de celular por estudantes na escola: motivos e desdobramentos. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**: Brasília (on-line), v. 97, p. 356-371, mai./ago. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbeped/v97n246/2176-6681-rbeped-97-246-00356.pdf>>. Acesso em: 17 de outubro de 2020.

NASCIMENTO, C. T.; BRANCHER, V. R.; OLIVEIRA, V. F. A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas, 2011. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/gepeis/wp-content/uploads/2011/08/infancias.pdf>>. Acesso em janeiro de 2020.

NEU, A. F.; BERLEZE, D. J.; KUNZ, E. Criança adulta ou um adulto em miniatura? Reflexões sobre a adultização das crianças. 11º Congresso Argentino y 6º Latinoamericano de Educación Física y Ciencias, Ensenada, pcia de Buenos Aires, 28 de septiembre a 2 de octubre de 2015.

OLIVEIRA, A. R. C.; SANTOS, H. F. Uma viagem à construção da infância numa perspectiva da psicologia social crítica: uma revisão de literatura. **Laplage em Revista**: Sorocaba, v. 4, n. 1, p. 36-49, jan.-abr. 2018.

PAIVA, N. M. N.; COSTA, J. S. A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça, 2015. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf>>. Acesso em 24 de julho de 2020.

PALFREY, J.; GASSER, U. Nascidos na era digital: entendendo as primeiras gerações dos nativos digitais. Porto Alegre: **Artmed**, 2011.

PATRAQUIM, C.; FERREIRA, S.; MARTINS, H. et al. As crianças e a exposição aos media. **Birth and growth medical jornal**: Porto, v. 27, n. 1, p. 11-21, 2018.

PEREIRA, Benizáquia Da Silva et al.. A influência das tecnologias na infância: vantagens e desvantagens. **Anais IV CEDUCE**. Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/10963>>. Acesso em: 22 de novembro de 2020.

PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE ESCOLAR (PeNSE), Ministério da saúde, 2015.

PIAGET, J. O Juízo moral na criança. **Summus**, São Paulo, 1994.

POSTMAN, N. O desaparecimento da infância. **Grafhia**, Rio de Janeiro, 1999.

RADESKY, J. S.; CHRISTAKIS, D. A. Increased Screen Time: implications for early childhood development and behavior. **Pediatr. Clin. N. Am.**, Estados Unidos da América, v. 63, n. 5, p. 827-839, 2016.

REIS, F.; MUZZETI, L. R.; LEÃO, A. M. C. Sexualidade e infância: contribuições da educação sexual em face da erotização da criança em veículos midiáticos. **Revista contrapontos**: Itajaí (SC), v. 14, n. 3, p. 634-650, 2014.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Saúde de crianças e adolescentes na era digital. Disponível em:

<https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166d-Morient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf>. Acesso em: 22 de novembro de 2020.

SAMPAIO, I. S. V.; CAVALCANTE, A. P. P. Mediação do acesso de crianças à comunicação mercadológica. **NIC.BR/CETIC.BR [Kids On-line Brasil]**. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_KIDS_ON-LINE_2016_LivroEletronico.pdf>. Acesso em: 16 de setembro de 2020.

SANTOS, E. B.; SANTOS, I. O.; SOUZA, M. A. V. et al. Fatores sócio-econômicos: os “descaminhos” da educação. 2016. Disponível em: <<https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/FATORES-SOCIO-ECONOMICOS.pdf>>. Acesso em: dezembro de 2019.

SANTOS, M. M.; MARIANO, F. Z.; COSTA, E. M. Efeitos da educação dos pais sobre o rendimento escolar dos filhos via mediação das condições socioeconômicas. 2018. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/encontroeconomiaaplicada/files/2018/01/artigo61EconomiaSocialedoTrabalho.pdf>>. Acesso em: dezembro de 2019.

SANTOS, I. M. A cultura do consumo e a erotização na infância. **Revista Extraprensa**, v. 2, n. 2, p. 1-20, 2010.

SILVA, A. V.; PINTO, F. S.; SILVA, M. L. B. et al. A influência do Instagram no cotidiano: possíveis impactos do aplicativo em seus usuários. **XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, São Luís/MA, 2019. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0490-1.pdf>> Acesso em: 12 de outubro de 2020.

TERMOS DE SERVIÇO DO FACEBOOK. Facebook, 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/legal/terms>>. Acesso em: 30 de novembro de 2020.

VARELA, C.; MELO, S. M. M. Educação sexual, crianças e mídias: algumas reflexões. **Revista Ibero-americana de estudos em educação**: Araraquara, v. 20, n. esp. n. 2, 2015.

VIEIRA, M. A.; TENÓRIO, R. M. Impacto da Escolaridade dos Pais e Nível Socioeconômico Familiar nos Resultados de Testes Cognitivos. 2014. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT3/GT3_Coimunicacao/MarcosAntonioVieira_GT3_integral.pdf>. Acesso em dezembro de 2019.

WEBER, T. B. B.; FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, E. C. Mídia, consumo e a adultização de crianças: uma reflexão macrossocial. Curitiba: XVII Congresso de Ciências da comunicação na Região Sul, 2016. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0535-1.pdf>>. Acesso em: 24 de julho de 2020.

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE dos cuidadores



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
"Campus" de São José do Rio Preto

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012 Resolução 510/2016)

O seu filho(a) está sendo convidado como voluntário a participar da pesquisa "O perfil e o padrão de uso das mídias em ambiente virtual por crianças do noroeste paulista". Neste estudo pretendemos investigar junto aos alunos do 6º ano, quais mídias virtuais eles estão acessando e que estão buscando. Para esta pesquisa os participantes responderão um questionário a cerca da relação deles com as mídias sociais e o acesso à internet. O risco de desconforto psíquico ou outro dano possível para a sua saúde, é mínimo segundo a literatura científica atual, mas caso ocorra tal situação, você deverá procurar a própria pesquisadora/orientador ou o responsável pela escola, para que receba atendimento.

A criança que está sob sua responsabilidade, está livre para, a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa. Todas as informações fornecidas, serão mantidas em sigilo, de modo a preservar a identidade da criança e os resultados só serão utilizados para divulgação em reuniões e revistas científicas. Este estudo é importante porque seus resultados fornecerão informações que auxiliarão na elaboração de estratégias educacionais, voltadas para a melhoria das relações interpessoais no ambiente escolar.

A pesquisadora responsável é a professora Ayvín Tatiele de Souza e Souza, que tem a orientação do professor Raul Aragão Martins, no curso de Mestrado em Ensino e Formativos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista.

Qualquer dúvida entre em contato conosco, Profa. Ayvín Tatiele de Souza e Souza (17 99756-5242 ayvintatiele@gmail.com), Prof. Raul Aragão Martins (17 3221-2317 – raul.martins@unesp.br); Comitê de Ética em Pesquisa do IBILCE/UNESP).

Eu _____, pai ou responsável do(a) aluno(a) _____, fui suficientemente informado sobre a pesquisa, tendo ficado claro para mim quais os propósitos, os procedimentos e a garantia de confidencialidade. Ficou claro também que a participação do meu (minha) filho(a) é isenta de despesas e pagamentos. Concordo que ele(ela) voluntariamente participe deste estudo e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a realização deste, sem penalidades ou prejuízo, assim, como concordo que os resultados desta pesquisa sejam apresentados em Congressos ou Reuniões Científicas e, até mesmo publicados, desde que preservada a identidade do meu(minha) filho(a).

Nome:	RG:
Endereço:	Telefone:

São José do Rio Preto, ____ de de 2019

Responsável	Pesquisador (a) responsável
OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra ao pesquisador.	
Nome Pesquisador: Ayvín Tatiele de Souza e Souza	Cargo/Função: Professora
Instituição: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista	
Endereço: Rua Cristóvão Colombo 2265. São José do Rio Preto, SP.	
Projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do IBILCE/UNESP	
São José do Rio Preto – fone 17-3221.2480 e 3221.2482	

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE das crianças



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
"Campus" de São José do Rio Preto

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012 Resolução 510/2016)

O(A) senhor(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa "O perfil e o padrão de uso das mídias em ambiente virtual por crianças do noroeste paulista". Neste estudo pretendemos investigar junto aos pais ou responsáveis dos alunos do 6º ano, o acompanhamento que fazem sobre as mídias virtuais que seus filhos estão acessando. Para esta pesquisa os participantes responderão um questionário no qual risco de desconforto psíquico ou outro dano possível para a sua saúde, é mínimo segundo a literatura científica atual, mas caso ocorra tal situação, você deverá procurar a própria pesquisadora/orientador ou o responsável pela escola, para que receba atendimento.

O(A) senhor(a) está livre para, a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa. Todas as informações fornecidas serão mantidas em sigilo de modo a preservar a sua identidade e os resultados só serão utilizados para divulgação em reuniões e revistas científicas. Este estudo é importante porque seus resultados fornecerão informações que auxiliarão na elaboração de estratégias educacionais, voltadas para a melhoria das relações interpessoais no ambiente escolar.

A pesquisadora responsável é a professora Ayvin Tatiele de Souza e Souza, que tem a orientação do professor Raul Aragão Martins, no curso de Mestrado em Ensino e Formativos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista.

Qualquer dúvida entre em contato conosco, Profa. Ayvin Tatiele de Souza e Souza (17 99756-5242 ayvintatiele@gmail.com), Prof. Raul Aragão Martins (17 3221-2317 – raul.martins@unesp.br); Comitê de Ética em Pesquisa do IBILCE/UNESP).

Eu _____, fui suficientemente informado sobre a pesquisa, tendo ficado claro para mim quais os propósitos, os procedimentos e a garantia de confidencialidade. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas e pagamentos. Concordo voluntariamente a participar deste estudo e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a realização deste, sem penalidades ou prejuízo, assim, como concordo que os resultados desta pesquisa sejam apresentados em Congressos ou Reuniões Científicas e, até mesmo publicados, desde que preservada a minha identidade.

Nome:	RG:
Endereço:	Telefone:

São José do Rio Preto, de de 2019

Responsável	Pesquisador (a) responsável
OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra ao pesquisador.	
Nome Pesquisador: Ayvin Tatiele de Souza e Souza	Cargo/Função: Professora
Instituição: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista	
Endereço: Rua Cristóvão Colombo 2265. São José do Rio Preto, SP.	
Projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do IBILCE/UNESP	
São José do Rio Preto – fone 17-3221.2480 e 3221.2482	

APÊNDICE C – Termo de assentimento livre e esclarecido – TALE



Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012)

Você está sendo convidado a participar como voluntário do projeto de pesquisa "O perfil e o padrão de uso das mídias em ambiente virtual por crianças do noroeste paulista", sob a responsabilidade dos pesquisadores Ayvin Tatiele de Souza e Souza e Raul Aragão Martins. Neste estudo pretendemos investigar junto aos alunos do Ensino Fundamental e sua família qual o perfil da criança nos anos iniciais do ensino fundamental II que está acessando as mídias atuais, e qual o padrão de uso.

Para esta pesquisa terá que responder um questionário anônimo. Este processo de coleta de dados é o mais adequado para este tipo de pesquisa, não havendo forma similar para as metas propostas e o risco de desconforto psíquico ou outro dano possível para a sua saúde é mínimo segundo a literatura científica atual, mas caso ocorra tal situação você deverá procurar o próprio pesquisador ou o responsável (Diretor/Coordenador) da sua escola para que seja atendido. Você poderá consultar o pesquisador responsável em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida.

Os seus pais (ou responsáveis) autorizaram você a participar desta pesquisa, caso você deseje. Você não precisa se identificar e está livre para participar ou não. Caso não queira participar, não sofrerá nenhum prejuízo escolar e mesmo que inicialmente você deseje participar, posteriormente você também está livre para, a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa. O responsável por você também poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. Você não terá nenhum custo, e poderá consultar o(a) pesquisador(a) responsável em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida.

Todas as informações por você fornecidas e os resultados obtidos serão mantidos em sigilo, e estes só serão utilizados para divulgação em reuniões e revistas científicas. Você será informado de todos os resultados obtidos, independentemente do fato de estes poderem mudar seu consentimento em participar da pesquisa. Você não terá quaisquer benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa. Este estudo é importante porque seus resultados fornecerão informações para conhecer as melhores formas de educar as crianças em relação ao uso das mídias em ambientes virtuais.

Diante das explicações, se você concorda em participar deste projeto, forneça os dados solicitados e coloque sua assinatura a seguir.

Nome: _____ R.G. _____
Endereço: _____ Fone: _____

_____ de _____ de 20__

Participante

Pesquisador(a) responsável

OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra ao pesquisador

Nome Pesquisador: Ayvin Tatiele de Souza e Souza	Cargo/Função: Professor
Instituição: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista	
Endereço: Rua Cristóvão Colombo 2265. São José do Rio Preto, SP.	
Projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do IBILCE/UNESP	
São José do Rio Preto – fone 17-3221.2480 e 3221.2482	

APÊNDICE D – Questionário sobre o uso de internet aplicado às crianças

Questionário das crianças

1. Qual a sua idade ? _____
2. Qual seu sexo biológico? Feminino Masculino
3. Quais veículos de comunicação você mais utiliza? Internet televisão livros rádio/música
outros _____
4. Por onde você mais acessa a internet? Celular/*smartphone* computador/*notebook* tablet
outros _____
5. Onde você acessa mais a internet? Em casa escola estabelecimentos comerciais outros _____
6. O que você procura na internet? Sites de pesquisa Redes sociais YouTube Sites com séries/filmes
(Netflix) Jogos Noticiais outros _____
7. Quais redes sociais você possui?
8. Seu responsável observa o que você está acessando? Sim Não
9. Quanto tempo você gasta por dia, durante a semana (segunda a sexta), com:
videogame/jogos: 1 à 3 horas 4 à 6 horas mais de 6 horas
internet/redes sociais 1 à 3 horas 4 à 6 horas mais de 6 horas
televisão 1 à 3 horas 4 à 6 horas mais de 6 horas
10. Quanto tempo você gasta , por dia, nos sábados e domingos, com:
videogame/jogos: 1 à 3 horas 4 à 6 horas mais de 6 horas
internet/redes sociais 1 à 3 horas 4 à 6 horas mais de 6 horas
televisão 1 à 3 horas 4 à 6 horas mais de 6 horas
11. Já entrou em sites com conteúdo adulto? Sim Não
12. Qual foi sua reação ao acessar esse conteúdo?
13. Você possui alguma mídia no quarto? Sim Não
Quais? Videogame Computador Televisão
14. Você recebe/possui material de teor adulto em seu celular? Sim Não
Se sim, especificar.
15. Você acompanha alguém *youtuber* específico? Qual?
16. Você possui canal no Youtube? Sim Não
17. Já se sentiu influenciado a fazer uso de bebidas e outras drogas por conta de postagens ou vídeos?
18. Você considera que seus pais sabem fazer uso das tecnologias? Eles pedem sua ajuda?

APÊNDICE E – Questionário sobre o uso de internet aplicado aos cuidadores**Questionário dos cuidadores**

1. Escola a que seu filho pertence:
2. Idade _____
3. Relação com a criança: Pai Mãe Avós outra _____
4. Você vistoria o que a criança está acessando? Sim Não
5. Tempo gasto com internet (em dias úteis) 1 a 3 horas de 3 a 6 horas mais de 6 horas
6. Tempo gasto com internet (aos finais de semana) 1 a 3 horas de 3 a 6 horas mais de 6 horas
7. Como você vistoria a que a criança vai ter acesso? Observo as redes sociais dele uso aplicativos que bloqueiam conteúdo improprio observo a classificação indicativa vejo o conteúdo junto com a criança
8. Já viu se a criança conseguiu ter acesso a conteúdo adulto? Sim Não
9. Possui internet em casa? Sim Não
10. A criança possui acesso a internet a todo momento em casa? Sim Não
11. Rendimento escolar da criança: 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
12. Qual sua opinião em relação às mídias?
13. Você se considera “por dentro” no uso de tecnologias? Sim Não Mais ou menos

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética

UNESP - INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS LETRAS E CIÊNCIAS EXATAS/ CAMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/IBILCE	
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O perfil e o padrão de uso das mídias em ambiente virtual por crianças do noroeste paulista

Pesquisador: AYVIN TATIELE DE SOUZA E SOUZA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 17567319.9.0000.5466

Instituição Proponente: Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas/ Campus de São José do

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.672.998

Apresentação do Projeto:

O projeto foi revisto e o cronograma ajustado para atender as exigências do CEP.

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisa tem por objetivo o levantamento do que as crianças estão tendo acesso nas mídias sociais e como os pais, ou responsáveis, assumem ao monitorar, ou não, este acesso das crianças às mídias

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora inclui a avaliação de riscos no TALE, conforme solicitado e informa que os riscos de desconforto psíquico ou outro dano possível à saúde são mínimos, segundo a literatura científica.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta-se com todos os componentes necessários para seu desenvolvimento. Sugere-se uma atualização de referencial teórico sobre o assunto com autores específicos do do assunto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatórias estão adequadamente apresentados e o TALE teve a

Endereço: CRISTOVAO COLOMBO 2265	CEP: 15.054-000
Bairro: JARDIM NAZARETH	
UF: SP	Município: SAO JOSE DO RIO PRETO
Telefone: (17)3221-2545	Fax: (17)3221-2500
	E-mail: camilabm@ibilce.unesp.br

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS LETRAS E
CIÊNCIAS EXATAS/ CAMPUS
DE SÃO JOSÉ DO RIO
PRETO/IBILCE



Continuação do Parecer: 3.672.998

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_resp.pdf	16/07/2019 10:18:02	AYVIN TATIELE DE SOUZA E SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_pais.pdf	16/07/2019 10:17:52	AYVIN TATIELE DE SOUZA E SOUZA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Cartas_autor_escolas.pdf	11/07/2019 17:13:48	AYVIN TATIELE DE SOUZA E SOUZA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO JOSE DO RIO PRETO, 31 de Outubro de 2019

Assinado por:
Andrea Carla da Silva Barretto
(Coordenador(a))

Endereço: CRISTOVAO COLOMBO 2265
Bairro: JARDIM NAZARETH CEP: 15.054-000
UF: SP Município: SAO JOSE DO RIO PRETO
Telefone: (17)3221-2545 Fax: (17)3221-2500 E-mail: camilabm@ibilce.unesp.br

ANEXO B - Critério Brasil (Classificação socioeconômica)²

Critério Brasil

Itens de conforto	Não possui	1	2	3	4+	A água utilizada neste domicílio é proveniente de?	
						1	Rede geral de distribuição
Automóveis de passeio exclusivamente para uso particular						2	Poço ou nascente
Quantidade de empregados mensalistas, que trabalham pelo menos 5 dias na semana						3	Outro meio
Máquina de lavar roupa, excluindo tanquinho						Considerando o trecho da rua de seu domicílio, ela é?	
Quantidade de banheiros						1	Asfaltada/pavimentada
Geladeira						2	Terra/cascalho
Freezer						Qual o grau de instrução do chefe da família?	
Computador/laptops/notes/ebooks						Fundamental I incompleto	
Forno micro-ondas						Fundamental I completo/Fundamental II incompleto	
Motocicletas, exceto para uso profissional						Fundamental completo/Médio incompleto	
Secadora de roupa						Médio completo/Superior incompleto	
Aparelho de DVD/home theater						Superior completo	
							0
							1
							2
							4
							7

² Anexo retirado do Critério de Classificação Econômica Brasil (2018). Fonte: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA (ABEP) <http://www.abep.org/criterio-brasil>